

NATÁLIA DEL PONTE DE ASSIS

**PROBLEMÁTICOS OU INVISÍVEIS:
O IMAGINÁRIO COLETIVO DE IDOSOS SOBRE
ADOLESCENTES**

**PUC-CAMPINAS
2014**

NATÁLIA DEL PONTE DE ASSIS

**PROBLEMÁTICOS OU INVISÍVEIS:
O IMAGINÁRIO COLETIVO DE IDOSOS SOBRE
ADOLESCENTES**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência

Orientador: Professora Doutora Tânia Maria José Aiello Vaisberg

PUC-CAMPINAS

2014

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t302
A848p

Assis, Natália Del Ponte de.

Problemáticos ou invisíveis: o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes / Natália Del Ponte de Assis. – Campinas: PUC-Campinas, 2014.

109p.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui anexo e bibliografia.

1. Psicologia social. 2. Imaginário. 3. Conflito de gerações. 4. Discriminação. 5. Idosos - Psicologia. 6. Adolescentes - Conduta. I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t302

NATÁLIA DEL PONTE DE ASSIS

**“PROBLEMÁTICOS OU INVISÍVEIS”:
O IMAGINÁRIO COLETIVO DE IDOSOS
SOBRE ADOLESCENTES**

BANCA EXAMINADORA

Tânia Aiello Vaisberg

Presidente Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg

Tania M. M. Granato

Professora Doutora Tania Mara Marques Granato

Diana P. de Sá Antunes Ribeiro

Professora Doutora Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro

PUC-CAMPINAS

2014

Contranarciso

*em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas
o outro
que há em mim
é você
você
e você
assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós*

(Paulo Leminski)

*Dedico esta pesquisa a todos que
convivem ou trabalham com adolescentes.*

Agradecimentos

Agradeço à minha querida orientadora, Tânia Maria José Aiello Vaisberg, por ter sido extremamente sensível às minhas necessidades, sempre acreditando e investindo no meu potencial. Seu modo leve, descontraído e muito divertido de transmitir tantos ensinamentos motivam minha admiração e afeto que serão eternos.

À minha mãe, por ter me apresentado a psicologia de modo fascinante. Sou grata por compartilharmos tanta intimidade, cumplicidade e alegria quando estamos juntas. Além disso, tem me mostrado que algumas pessoas utilizam o tempo a seu favor e só melhoram com o passar dos anos.

Agradeço ao meu pai, Marcio de Assis, por tanto amor, companheirismo e por sempre me proporcionar as fundamentais sensações de estabilidade e segurança afetiva. Devo a ele ter despertado em mim o interesse pelo mundo acadêmico, devido ao seu mestrado na área de Agronomia em Fitopatologia e Propagação de Plantas, concluído na Universidade de Wisconsin, Madison, USA.

Ao Caio Buzatto Carneiro de Mendonça, por ter acompanhado diariamente o meu amadurecimento pessoal e profissional. Agradeço por ter incentivado e apoiado minhas iniciativas e por ter vivido comigo tantos momentos bons. Agradeço, também, à sua família pela doce acolhida nos últimos anos.

Aos meus irmãos, por tantas conversas inspiradoras e reflexões sobre diversos assuntos. Entre movimentos de aproximação e afastamento, descobrimos que temos mais afinidades do que imaginávamos. Ter acompanhado o percurso da minha irmã, Marília Del Ponte de Assis, Mestra em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina, certamente estimulou a minha própria jornada.

Agradeço a Profa. Dra. Vera Engler Cury e a Dra. Marcela Casacio Ferreira-Teixeira, que fizeram relevantes contribuições como integrantes da banca do exame de qualificação para o mestrado. Sou grata, também, à Profa. Mônica Gobitta por ter me recebido atenciosamente durante o estágio de docência. Participei de aulas inspiradoras, que muito contribuíram para a minha formação, ministradas pelos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, entre os quais destaco a Profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza e a Profa. Dra. Tania

Mara Marques Granato, com quem também pude contar como membro da Banca Examinadora no dia da defesa, junto com a Profa. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro, a quem agradeço pela leitura atenta e colaborativa deste trabalho.

Sou grata aos colegas do grupo de pesquisa pelas discussões fecundas, em especial ao Rafael Aiello-Fernandes, pelo apoio e ajuda constante durante o meu processo de escrita. Não poderia deixar de agradecer às colegas acadêmicas que viraram grandes amigas durante o percurso: Mariana Biffi, Laís Lino Dester e Nadini Brandão de Souza, pois foi muito bom ter compartilhado as dores e as delícias do mestrado com elas.

Não me esqueço de mencionar minhas grandes amigas e colegas de profissão Marília do Amaral Rossi e Maura Assad Pimenta Neves, pelas conversas, risadas e amizade. Registro, também, a gratidão pelo apoio das amigas Laís Delavia Rosa, Luana Resende Ladeira e Thaís Franco Armani.

À Maria Amélia Domingues Gonçalves, Elaine Cristina Machado de Oliveira e Caroline Maronesi Cazonatto, secretárias do Programa de Pós Graduação em Psicologia, que estiveram sempre disponíveis para ouvir minhas dúvidas e prestar esclarecimentos com muita atenção e paciência. Sei bem que seus deveres são fundamentais na sustentação das inúmeras atividades de docentes e discentes.

Quero, ainda, expressar uma gratidão muito especial à Cristiane Maretti Marangoni Valli, por ter me acompanhado em todos os momentos do mestrado com sua presença sustentadora e transformadora. Agradeço-a por ter iluminado o meu caminho diversas vezes, descomplicando a minha vida de forma extraordinária, aproximando-me, assim, cada vez mais, do meu verdadeiro *self*.

Finalmente, no plano propriamente institucional, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

PROBLEMÁTICOS OU INVISÍVEIS: O IMAGINÁRIO COLETIVO DE IDOSOS SOBRE ADOLESCENTES

Assis, N.D.P (2014). *Problemáticos ou Invisíveis: O Imaginário Coletivo de Idosos sobre Adolescentes*. (Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2014.

Resumo

Objetivamos, na presente pesquisa, que se insere no contexto dos estudos sobre relações intergeracionais e sobre preconceitos contra adolescentes, investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes dos dias de hoje. Entrevistamos, individualmente, seis idosos, utilizando o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Registramos tais encontros de memória, em momento posterior, por meio da elaboração de narrativas transferenciais. A consideração psicanalítica do conjunto das narrativas, dos desenhos e das histórias permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos: “Seres Problemáticos” e “Seres Negados”. O quadro geral indica que os participantes tendem a imaginar os adolescentes como pessoas problemáticas, seja vendo-os como vítimas da falta de apoio dos adultos, seja considerando-os como seres intrinsecamente negativos. Ou, então, negam a adolescência, no sentido de não reconhecerem os adolescentes como coletivo social passível de ser identificado. Concluímos que prevalece, portanto, uma visão que pode ser considerada preconceituosa, justificando a realização de novas investigações.

Palavras-chave: adolescentes, idosos, imaginários coletivos, relações intergeracionais.

TROUBLEMAKERS OR INVISIBLES: THE COLLECTIVE IMAGINARY OF ELDERLY PEOPLE ABOUT THE TEENAGERS

Assis, N.D.P (2014). *Troublemakers or Invisibles: The Collective Imaginary of Elderly about Teenagers*. Dissertation (Masters in Psychology as Profession and Science). Life Sciences Center, Pontifical Catholic University of Campinas, Campinas, SP, 2014.

Abstract

The present essay is included in the studies about intergenerational relationships and discriminations against teenagers. It aimed to investigate, in a psychoanalytic view, the collective imaginary of elderly people about “the nowadays teenagers”. The methodology consisted of individual interviews, performed with six elderly persons, using the Procedure Drawings-Story with Theme as a dialogue mediator. After each interview, psychoanalytic narratives were written and considered together with the drawings-stories made by the participants. We created/found two affective-emotional sense fields, or relative unconscious, named “The Troublemakers” and “The Denied Beings”. The results indicated that the participants tended to imagine the teenagers as complicated people, sometimes seeing them as victims due to the missing support they didn’t receive from the adults or, because they see the teenagers as intrinsically bad people. They also tended to deny the adolescence, not recognizing the teenagers as a social collective group. The conclusion indicated a prejudiced point of view that justifies additional investigations.

Keywords: teenagers, elderly, collective imaginary, intergenerational relations

Sumário

Apresentação	11
<i>Capítulo 1</i>	
O PRECONCEITO CONTRA ADOLESCENTES E AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	13
<i>Capítulo 2</i>	
ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	36
<i>Capítulo 3</i>	
“O ADOLESCENTE DOS DIAS DE HOJE”: DESENHOS-ESTÓRIAS E NARRATIVAS TRANSFERENCIAIS	47
<i>Capítulo 4</i>	
CAMPOS DO IMAGINÁRIO DOS IDOSOS SOBRE ADOLESCENTES	63
<i>Capítulo 5</i>	
INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS	65
Considerações Finais	84
Referências Bibliográficas	87
Anexo 1 - Parecer da Plataforma Brasil	103
Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	107

Apresentação

A presente pesquisa deriva de um conjunto de investigações, realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”, que, entre outros achados, permitiram a detecção de um interessante fenômeno psicossocial, um tipo específico de preconceito que tem adolescentes como alvo. Trata-se, portanto, de uma forma de discriminação que incide sobre a idade das pessoas, aspecto usualmente abordado no contexto da exclusão social sofrida por idosos e mais raramente vinculado à juventude. Como qualquer forma de preconceito etário, o problema que aqui nos ocupa integra a importante questão das relações intergeracionais, vale dizer, da convivência entre pessoas de diferentes idades. Neste momento, recortaremos a complexidade fenomênica pesquisando o imaginário coletivo de idosos sobre os adolescentes dos dias de hoje, mediante a realização de um estudo qualitativo, de caráter preliminar e exploratório, que aqui é apresentado em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, **O Preconceito contra Adolescentes e as Relações Intergeracionais**, abordamos o tema do preconceito contra os adolescentes, além de apresentar e discutir investigações que versam tanto sobre a adolescência, enquanto condição muitas vezes vinculada à vulnerabilidade, como sobre relações intergeracionais.

Dedicamos o segundo capítulo, **Estratégias Metodológicas**, à exposição dos fundamentos teóricos que norteiam as estratégias utilizadas em nossa pesquisa empírica. Abordamos a psicologia concreta e explicamos os conceitos-chave da pesquisa: conduta, imaginários coletivos e campos de sentido afetivo-emocional. Também explicamos os quatro procedimentos investigativos por meio dos quais operacionalizamos o método psicanalítico na pesquisa qualitativa: o procedimento investigativo de configuração da entrevista, o procedimento de registro da entrevista, o procedimento de produção interpretativa e o procedimento de interlocuções reflexivas.

No terceiro capítulo, **“O Adolescente dos Dias de Hoje”**: **Desenhos-Estórias e Narrativas Transferenciais**, relatamos brevemente como foram realizadas as entrevistas e fornecemos informações sobre os participantes. Em seguida,

apresentamos os desenhos-estórias produzidos pelos idosos, bem como as narrativas transferenciais relativas a cada uma das entrevistas.

Um capítulo mais sintético, o quarto, **Campos do Imaginário de Idosos sobre Adolescentes**, contém a definição dos dois campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, criados/encontrados a partir das entrevistas. Concebidos como substratos afetivo-emocionais a partir dos quais emergem as comunicações dos participantes, recebem as seguintes denominações: “Seres Problemáticos” e “Seres Negados”. Como se verá, em ambos encontramos condutas de preconceito contra adolescentes.

Em **Interloquções Reflexivas**, ou seja, no quinto capítulo, buscamos aprofundar nossa compreensão retomando reflexivamente nossas interpretações, dialogando com diferentes autores, psicanalistas ou não, sobre as principais questões suscitadas nos campos de sentido afetivo-emocional.

Por fim, nas **Considerações Finais**, tecemos comentários sobre o olhar dos idosos em relação à vida do adolescente nos dias de hoje, a partir de uma perspectiva winnicottiana. Nosso intuito, neste momento, é o de abordar a necessidade do brincar e da promoção de ambientes humanos solidários e suficientemente bons. Deste modo, optamos por uma finalização que se abre para pesquisas futuras, o que nos parece condizer com uma visão do mestrado como etapa inicial no processo de formação do pesquisador.

Capítulo 1

O PRECONCEITO CONTRA ADOLESCENTES E AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

*Quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta adolescência*

*Vou largar da vida louca
e terminar minha livre docência*

*Vou fazer o que meu pai quer
começar a vida com passo perfeito*

*Vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito*

*Então ver tudo em sã consciência
quando acabar esta adolescência*

(Paulo Leminski)

Este capítulo se divide em três partes. Abordaremos, inicialmente, a questão do preconceito e da discriminação contra os adolescentes. Em seguida, apresentaremos pesquisas recentes que versam sobre a relação entre adolescência e condições de vulnerabilidade. Por fim, focalizaremos estudos voltados ao tema dos idosos, grupo ao qual pertencem os participantes da presente pesquisa, assim como ao tema das relações intergeracionais.

1.1. Adolescência: Alvo de Preconceito e Discriminação

A experiência clínica, tanto quando exercida em contextos institucionais como em consultório privado, tem permitido a observação de um fenômeno importante, que se configura como velada agressão preconceituosa dos adultos contra os adolescentes. Provavelmente bastante difundido na vida social, tal preconceito, que parece espalhar-se na vida cotidiana, raramente é nomeado de modo explícito na

literatura, sendo, portanto, pouco discutido, pelo menos sob tal denominação. Entretanto, a constatação desse fenômeno tem sido feita por alguns pesquisadores brasileiros que vem realizando investigações qualitativas a partir do uso do método psicanalítico, tais como Camps (2003); Aiello-Vaisberg (2005); Barreto (2006); Cabreira et al. (2007a); Cabreira et al. (2007b); Minhoto, Ambrósio e Aiello-Vaisberg, (2006); Mencarelli, Bastidas e Aiello-Vaisberg (2008); Tachibana e Aiello-Vaisberg (2008); Montezi et al. (2011); Pontes (2011); Montezi et al. (2013) e Botelho-Borges, Barcelos e Aiello-Vaisberg (2013).

Podemos definir a discriminação contra adolescentes como uma forma de preconceito etário, que consiste na atribuição de características negativas aos jovens. Trata-se de fenômeno que seguiria os mesmos delineamentos de outras formas de discriminação, como o racismo ou no sexismo. O psicólogo Jack Flasher (1978) criou o termo “adultismo”, que veio a ganhar múltiplos significados, sendo utilizado por advogados, sociólogos, ativistas e psicólogos, entre outros. Atualmente, compreende-se o termo como “a opressão feita por adultos, ou sistemas adaptados por adultos, que é experienciada por crianças e jovens” (LeFrançois, 2014, p. 47)¹. É interessante notar que comportamentos preconceituosos contra adolescentes, baseados precisamente no fato da pessoa se encontrar na faixa intermediária entre a infância e a idade adulta, parecem ser recebidos até com certa complacência – que aparece, por exemplo, na expressão, supostamente humorística, contra a qual poucos se manifestam: “aborrecentes”. Quando o adultismo ocorre, não importa o quanto o adolescente seja carinhoso, atencioso, educado ou criativo, pois será diminuído a uma “condição de incapaz”. Essa discriminação pode ser, muitas vezes, velada por uma suposta preocupação e cuidado. Algumas situações de discriminação são delicadas de se perceber, pois, como sabemos, as crianças e os adolescentes necessitam de cuidados dos adultos para que possam se desenvolver saudavelmente, mas esse cuidado pode, muitas vezes, mascarar a discriminação. A nosso ver, o preconceito contra o adolescente está inserido em uma questão mais ampla e reconhecida, que é a violência (Siqueira, Alves & Leão, 2012). Por outro lado, consideramos que há vantagens em nomear o preconceito direta e claramente para que haja melhor compreensão deste fenômeno.

¹ Tradução nossa.

Quando buscamos a articulação entre adolescência e preconceito, somos surpreendidos pela constatação de que as pesquisas se referem sempre a grupos nos quais se mesclam o ser adolescente com outras condições que são, habitualmente, alvo de discriminação. Nesta linha, encontramos estudos sobre adolescentes negros (Coelho & Coelho, 2013; Hagelskamp & Hughes, 2014; Kelaher, Ferdinand & Paradies, 2014; Tait & Chibnall, 2014), adolescentes soropositivos (Camargo, Barbará & Bertoldo, 2007; Paula, Cabral & Souza, 2011; Ribeiro, Padoin, Paula & Terra, 2013; Vaswani & Vaswani, 2014; Nöstlinger et al., 2014), adolescentes homossexuais (Madureira & Branco, 2007; Mayer, Garofalo, Makadon, 2014), adolescentes deficientes (Silva, Locks, Carcereri & Silva, 2013) ou adolescentes filhos de presidiários (Shilling & Miyashiru, 2008). Em todos estes casos, a questão do preconceito se faz pela condição habitualmente discriminada e não pelo fato de a pessoa estar na adolescência.

Outra forma a partir do qual os termos “adolescência” e “preconceito” se combinam corresponde a estudos sobre os modos pelos quais os adolescentes lidam com situações de preconceitos na escola. Pertence a esta linha de trabalhos o estudo de Cordeiro e Buendgnes (2012), que versa sobre significados e sentidos atribuídos por adolescentes a situações de preconceito no contexto escolar. Os autores utilizaram entrevistas semidirigidas com estudantes de idades entre 14 e 17 anos de duas escolas, uma pública e outra particular, na cidade brasileira de Joinville, SC. Questionaram os alunos sobre a forma como eles reagiam quando presenciavam tipos de exclusão, ou se já haviam sido vítimas de algum tipo de discriminação, e ainda, o que significava o preconceito para eles. Através da análise dos relatos, fundamentada a partir de uma perspectiva neomarxista, puderam encontrar ambiguidades e dificuldades para a discussão acerca do preconceito vivido no contexto escolar, o que explicitou a necessidade de se trabalhar tal temática de modo mais eficaz nas escolas (Cordeiro & Buendgnes, 2012).

Ainda versando sobre a violência no contexto escolar, devemos mencionar o *bullying*, que se define pela violência entre pares configurada por uma repetição de atos intencionais agressivos e violentos, de forma física ou psicológica, adotados por um ou mais estudantes contra outro(s), causando angústia, dor e isolamento. Tal violência pode durar semanas, meses ou anos (Pereira, 2006; Martins, 2009). Geralmente associado a alguma condição específica (obesidade, deficiências físicas,

estatura, entre outras) o *bullying* certamente é um tema bastante relevante que tem sido foco de pesquisadores, que destacam a necessidade de conscientização de tal fenômeno e a promoção de medidas interventivas de suporte individual e coletivo nas situações de *bullying*, incluindo a capacitação docente para o enfrentamento da violência escolar (Salgado, Senra & Lourenço, 2014). Vale ressaltar que o que detectamos em nossa atual pesquisa difere-se do *bullying* por se tratar de preconceito de pessoas de outras faixas etárias contra adolescentes, e não de preconceito entre pares.

Se são relativamente pouco frequentes os estudos sobre preconceito contra adolescentes, o fato é que a produção científica sobre a adolescência é copiosa, como atesta o fato de encontrarmos para o termo, na base PubMed, um retorno de 1.619.672² artigos nos quais figura como descritor. Essa expressiva quantidade de trabalhos brinda o pesquisador com uma grande variedade de perspectivas teóricas e metodológicas, que se combinam com diferentes tradições investigativas. Compreensivelmente, por se tratar de base de dados relativa às pesquisas da área da saúde, percebemos, nesse conjunto, um predomínio de estudos que focalizam adolescentes envolvidos em problemáticas preocupantes, tais como o uso abusivo de álcool e drogas, a sexualidade ativa, a gravidez precoce e os distúrbios alimentares. Tais condições são apresentadas como problemas de saúde pública, demandando atenção e cuidado por parte da sociedade civil e do estado, o que motiva a proposição de legislação protetiva e de políticas públicas.

Interessada em evidenciar o preconceito etário, mais especificamente contra os idosos, no debate político atual sobre a alocação de recursos por grupos etários, diz Goldani (2010):

Como em muitas sociedades ocidentais, o preconceito etário, no Brasil, ocorre nas famílias, nos órgãos governamentais, no sistema de saúde, nos mercados de trabalho assalariado e em toda a mídia. Muitos regulamentos e programas governamentais são estabelecidos tendo um dado grupo etário em mente e, muitas vezes, discriminam inadvertidamente pessoas dos outros grupos etários (Goldani, 2010).

Desenvolvem-se, assim, práticas políticas que tomam a idade como critério para organização, como, por exemplo, programas voltados aos idosos, às crianças,

² Busca realizada no dia 2 de julho de 2014.

aos jovens. Provavelmente, em muitos casos, tais diferenciações derivam da observação de diferentes necessidades, apresentadas nas diferentes fases da vida. Basta pensar em como deve ser equipado e mobiliado um consultório pediátrico ou uma creche e como deve ser equipado e mobiliado um espaço de convivência para idosos. Contudo, concordamos que a não valorização de espaços comuns onde possam conviver indivíduos de todas as faixas etárias pode gerar efeitos negativos. Em outros termos, podem ser vistos como iniciativas que favorecem manifestações preconceituosas o que, evidentemente, não contribui para a diminuição de conflitos improdutivos entre as gerações. Segundo a autora, ações baseadas em estereótipos podem agir contra o indivíduo, não contribuindo, assim, para uma transformação da vida social em termos do aumento da solidariedade e do respeito entre indivíduos e coletivos (Goldani, 2010). Consideramos que os programas governamentais podem ser pensados como formas de organização social que seguem critérios variados. Na realidade, precisamos nos atentar para o fato de que os espaços públicos, que poderiam promover a convivência entre grupos de diferentes idades, é que fazem falta nos dias atuais, pois sabemos que a violência urbana não permite que as crianças e, muitas vezes, os adolescentes saiam pelas ruas e tenham contato com pessoas de outras idades sem a presença de adultos.

O preconceito, quando concebido como conduta, emerge a partir de campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, cuja natureza é sempre vincular, inter-humana (Bleger, 1963). Surgem como manifestações mais ou menos explícitas, mesmo numa época histórica como esta em que vivemos, na qual já vigoram leis que criminalizam manifestações discriminatórias como o racismo e a homofobia. Entretanto, talvez até em função de um aumento da consciência de amplos setores da população sobre os riscos e malefícios do preconceito, acabam por surgir formas mais ou menos veladas de discriminação. Exemplo de preconceito disfarçado pode ser dado quando estudamos o imaginário de professores sobre crianças adotadas, que aí surgem como vítimas do que denominamos exclusão insidiosa (Pontes, Cabrera, Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2008).

No que tange especificamente à discriminação contra adolescentes, podemos dizer que, sob uma aparência de interesse e preocupação, pode se esconder o preconceito, eventualmente associado com aflição e desconforto dos mais velhos, quando se veem diante de jovens, cujo poder de ação é equivalente ao dos adultos,

em uma grande variedade de situações, enquanto se mantêm imaturos e inexperientes do ponto de vista emocional. Esse problema, certamente, se acentua em circunstâncias históricas como as atuais, durante as quais se pode observar um aumento da violência urbana ligado a um aprofundamento de desigualdades sociais (Scalon & Salata, 2012). Afinal, o poder de adotar comportamentos agressivos é mais facilmente conquistado do que aquele de lidar com a complexidade requerida por atividades construtivas. Pensemos, por exemplo, na capacidade de ministrar uma aula, no contexto educacional, e naquela de perturbar o ambiente de uma classe – seja qual for a motivação, justa ou injusta, subjacente à manifestação (Tachibana et al, 2015). Assim, fica compreensivelmente robustecido não apenas o medo de que os adolescentes de classe média possam se comportar mal, mas também o temor de que os mais pobres possam se tornar violentos e delinquentes.

Lembramos que, certamente, o mal estar do e diante do adolescente interroga a sociedade acerca do tipo de vida que estamos levando, do futuro que pretendemos construir, do modo como temos preparado e educado as gerações mais jovens e dos valores que cultivamos. Entretanto, quando os adultos reagem aos questionamentos que o “ser adolescente” coloca por meio de condutas preconceituosas, acabamos por entrar em terreno perigoso, uma vez que campos de sentido afetivo-emocional preconceituosos e paranoides apresentam um caráter psicopatológico que não contribui para o desenvolvimento de modalidades de relações inter-humanas mais respeitadas, éticas e solidárias.

Adotamos uma perspectiva em que o ser humano não pode ser compreendido como pessoa se não levarmos em conta as condições concretas de sua vida (Bleger, 1963; Politzer, 1928). Por este motivo, adotamos uma postura atenta em relação às diversas possibilidades da passagem da vida infantil para a adulta, levando em conta o contexto sócio-histórico e cultural em que o jovem está inserido (Camps, 2003; Barus-Michel, 2005; Salles, 2005; Barreto, 2006; Resende, 2006; Pratta & Santos, 2007a; Pratta & Santos, 2007b & Klein, 2008). De acordo com essa vertente teórica, o fenômeno da adolescência é compreendido como uma criação cultural da sociedade ocidental, sendo apenas uma das diversas formas possíveis de se lidar com o processo de amadurecimento orgânico para que o sujeito possa ser considerado um adulto. Diz Barus-Michel (2005):

Nas sociedades tradicionais, a passagem da infância à idade adulta, no momento da puberdade, é abrupta e simbolicamente marcada de modo forte e decisivo, de modo que o imaginário do futuro adulto é valorizado. Nas sociedades modernas, trata-se de uma transição lenta, que se estende ao longo de alguns anos, sem marcação simbólica nítida. As etapas e as formas são variáveis, de acordo com as classes e categorias sociais, o imaginário do futuro e do adulto é ambíguo (Barus-Michel, 2005).

Sendo assim, enquanto alguns adolescentes gozam de uma proteção familiar e têm chances de pensar em uma profissão com formação universitária, outros, de camadas sociais inferiores, mal conseguem alfabetizar-se de fato, entrando no mercado de trabalho para ocupar posições subalternas mal remuneradas. Os adolescentes da classe média podem vivenciar a adolescência como uma fase de transformações, sonhos e expectativas, mesmo enfrentando inseguranças, dúvidas e dificuldades. Já os jovens de classes sociais mais baixas se veem obrigados a escolher ocupações que lhes proporcionem ganhos imediatos, para que possam garantir a própria subsistência e, também, colaborar com o sustento da família. Esta falta de perspectivas certamente gera sofrimento e pode estimular alguns a apresentar tendência antissocial a partir de experiências de desesperança (Winnicott, 1967).

O Brasil apresenta uma realidade social precária, que prejudica o desenvolvimento emocional dos jovens, colocando-os em situação de sofrimento social (Renault, 2008). Neste contexto, tornou-se necessária a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), um instrumento jurídico no qual o estado reconhece a necessidade de proteção social específica a crianças e adolescentes. Se, por um lado, o ECA contribui para a proteção dos jovens, colocá-lo em prática de modo verdadeiramente construtivo é um desafio constante para a sociedade civil brasileira.

Embora não tenhamos condições de aprofundar, neste momento, a questão da convivência social entre indivíduos e grupos de diferentes faixas etárias, o que provavelmente requereria considerações antropológicas, acreditamos que a organização de pessoas segundo a idade não favorece a troca de experiências nem interações mais criativas. Entendemos que a psicologia psicanalítica pode contribuir significativamente no esforço por transformações sociais, especialmente em vertentes psicoprofiláticas (Bleger, 1966). Uma das formas por meio das quais se pode favorecer o incremento de interações mais criativas e menos preconceituosas entre grupos etários diversos consiste, justamente, na promoção de encontro entre

adolescentes e idosos. Práticas que caminhem neste sentido são, evidentemente, sustentáveis a partir do aumento da longevidade populacional, concorrendo positivamente no processo de combate às discriminações etárias (Goldani, 2010).

No momento, nosso objetivo é focalizar condutas preconceituosas de adultos contra adolescentes, trabalhando como idosos que, neste contexto, concebemos como integrantes do grupo adulto e que apresentam características específicas sobre as quais nos deteremos oportunamente.

1.2. Adolescência e Vulnerabilidade

O documento *Aspectos conceituais da vulnerabilidade social* – um estudo resultante do Convênio Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), de 2007, revela que há um consenso razoável em relação ao uso do termo “vulnerabilidade social” no que se refere à captação de situações intermediárias entre situações de exclusão e inclusão através da identificação de zonas de vulnerabilidade, que envolvem desde os setores mais precários até os médios, que necessitam de grande esforço para manter o padrão de bem estar, por estarem ameaçados constantemente pela situação do mercado de trabalho. O momento histórico e econômico de cada país influencia, obviamente, a questão da vulnerabilidade social, que podemos compreender, então, pela “maior ou menor capacidade de controlar as forças que afetam seu bem-estar, ou seja, controle de ativos” (Brasil, 2007). O texto ainda explica:

Estes ativos estariam assim ordenados: (i) físicos, que envolveriam todos os meios essenciais para a busca de bem-estar. Estes poderiam ainda ser divididos em capital físico propriamente dito (terra, animais, máquinas, moradia, bens duráveis relevantes para a reprodução social); ou capital financeiro, cujas características seriam a alta liquidez e multifuncionalidade, envolvendo poupança e crédito, além de formas de seguro e proteção; (ii) humanos, que incluiriam o trabalho como ativo principal e o valor agregado ao mesmo pelos investimentos em saúde e educação, os quais implicariam em maior ou menor capacidade física para o trabalho, qualificação etc; (iii) sociais, que incluiriam as redes de reciprocidade, confiança, contatos e acesso à informação. Assim, a condição de vulnerabilidade deveria considerar a situação das pessoas a partir dos seguintes elementos: a inserção e estabilidade no mercado de trabalho; a debilidade de suas relações sociais e, por fim, o grau de regularidade e de qualidade de acesso aos serviços públicos ou outras formas de proteção social (Brasil, 2007, p.14-15).

Apesar da citação acima se referir à situação de trabalho, compreendemos a vulnerabilidade social de modo mais amplo, especialmente no que se refere à questão humana e social. Explicitamos, ainda, a relevância da educação, reciprocidade e confiança no auxílio do maior enfrentamento das forças que controlam o bem-estar do adolescente.

Consideramos que os estudos sobre os jovens têm destacado muito a questão da vulnerabilidade a partir, por exemplo, da questão do uso abusivo de álcool e drogas, como atesta, por exemplo, o retorno de 118 artigos quando realizamos buscas com as palavras adolescência e uso de drogas no Scielo regional³. O interesse dos pesquisadores certamente reflete uma preocupação de pais, educadores e da sociedade em geral com esta questão que, frequentemente, é associada a outros comportamentos de risco como, por exemplo, a violência (Silva, Dias, Vieira & Pinheiro, 2010).

Paiva e Ronzani (2009) realizaram uma revisão sistemática de trabalhos científicos sobre a associação entre os estilos e práticas parentais de socialização e o consumo de substâncias psicoativas entre jovens. Buscaram em três bancos de dados, Medline, Adolec e Pubmed, utilizando os seguintes descritores: “*parental styles*” e “*parental monitoring*” juntamente com “*substance use*”. A amostra final foi composta por 30 artigos de diversos países. Constataram que os vínculos e a compreensão do papel dos pais na educação de seus filhos produzem resultados eficazes na prevenção do uso de drogas. Segundo os autores, adolescentes que se sentem compreendidos pela família e que são tratados de modo interessado e afetuoso pelos pais tendem a um consumo menor de substâncias psicoativas. Esses achados convergem com a perspectiva winnicottiana, que defende a necessidade de um ambiente sustentador e suficientemente bom para que os sujeitos se desenvolvam de modo mais saudável (Winnicott, 1984).

Estudos recentes (Costa & Fernandes, 2012; Uziel & Berzins, 2012; Leite, 2012) apontam que pesquisadores têm se dedicado ao tema da sexualidade na adolescência. Encontramos estudos que consideram a sexualidade ativa na adolescência como inerentemente prejudicial, na medida em que está ligada ao risco das doenças sexualmente transmissíveis, práticas homoeróticas e à gravidez. Neste

³ Busca realizada no dia 25 de março de 2014.

contexto, a sexualidade ativa é vista como fator de risco, o que se conjuga facilmente com perspectivas ideológicas mais preconceituosas e conservadoras.

Com vistas a compreender e caracterizar quais os fatores que influenciam a sexualidade dos adolescentes, Pereira, Matos e Leal (2011) identificaram, através de grupos focais em Lisboa, Portugal, que adolescentes que viviam em meios mais carentes tinham menos informação, menos comunicação com os pais e maior vulnerabilidade para comportamentos de riscos. Assim, concluíram que os programas de prevenção adaptados às especificidades daquela população são justificáveis (Pereira, Matos & Leal, 2011).

Com o objetivo de abordar as trajetórias sexuais de jovens de ambos os sexos, que mantinham práticas sexuais homoeróticas ou não, Teixeira, Marretto, Mendes e Santos (2012) buscaram discutir, através de um questionário, as relações desses jovens com seus familiares, grupos de pares e sobre a questão da homossexualidade. Tendo como base as concepções de Sedgwick (2007) e colocações de teóricos pós-estruturalistas, concluíram que, em uma sociedade homofóbica, o jovem que não se identifica com os padrões heteronormativos terá maiores dificuldades de adotar comportamentos usuais de namoro com seus pares do que os casais heterossexuais. Assim, concluíram que, atualmente, os homossexuais sofrem preconceito e violência porque nossa sociedade é heteronormativa e homofóbica, não deixando, contudo, de admitir que, mesmo assim, jovens homossexuais encontram formas de expressão de sua sexualidade e questionam como serão as normas e os valores no futuro. Os autores consideram que a discussão e reflexão acerca da educação dos gêneros sejam mais necessárias do que a própria discussão sobre homossexualidade (Teixeira et al, 2012), posicionamento que nos parece acertado.

Ainda versando sobre a sexualidade, lembramos o interessante estudo de Barros e Colaço (2013), que buscaram conhecer quais os sentidos da “sexualidade” produzidos por adolescentes de uma escola pública de Fortaleza, Ceará. Encontraram, em maior quantidade, as articulações entre “sexualidade” e “risco” do que “sexualidade” e “prazer”. Baseados em uma perspectiva estruturalista foucaultiana, os autores concluíram que o resultado sugere que a força de um viés educativo e o uso de políticas de prevenção, que nada mais são estratégias de poder, inserem o erotismo no paradigma contemporâneo da vida como gestão de risco (Barros & Golaço, 2013). Consideramos esse tipo de prevenção como prejudicial para

o desenvolvimento saudável dos jovens, pois não proporciona maior reflexão e impossibilita uma vivência mais saudável e integrada do amadurecimento sexual. Desde uma perspectiva winnicottiana, encontramos-nos no terreno na submissão, a partir do qual qualquer posicionamento existencial adquire caráter inautêntico e sofrido.

De outro lado, deparamo-nos, também, ainda que sejam em número mais reduzido, com trabalhos voltados à abordagem de temas relacionados aos direitos sexuais e reprodutivos dos jovens. Neste segundo tipo de pesquisa, os desejos e anseios dos jovens são reconhecidos e considerados, numa linha de maior respeito à pessoa do cidadão jovem (Uziel & Berzins, 2012; Leite, 2012; Carvalho et al, 2012).

Outros autores têm se dedicado à pesquisa da importante questão da gravidez precoce, que envolve, evidentemente, tanto o bem estar da adolescente como o do bebê. Como sabemos, o bebê necessita ter suas necessidades atendidas por um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1983). Esta questão é relevante porque as gestações adolescentes, na maioria das vezes, ocorrem em contextos de precariedade social, justificando a preocupação dos pesquisadores, tais como Ogido e Schor (2012), Pariz, Mengarda e Frizo (2012), Penna, Carinhonha, Martins e Fernandes (2012) e Caminha (2012). Por outro lado, vale ressaltar que há estudos que constataam que, mesmo havendo uma visão da maternidade na adolescência como um problema de saúde pública, muitas jovens conseguem encontrar na gravidez possibilidades saudáveis e positivas de amadurecimento pessoal (Albuquerque-Souza, Nóbrega & Coutinho, 2012; Goellner, 2013).

Notamos que os transtornos alimentares entre adolescentes também são assunto de interesse na literatura recente. Pesquisadores de uma abordagem psicanalítica clínica que se dedicaram a estudar este tema (Cunha & Lima, 2012; Gonzaga, 2012; Weinberg, 2012) têm encontrado resultados convergentes, no sentido de apontar a presença de transtornos melancólicos nas jovens atendidas e evidenciar a eficácia da psicoterapia para o tratamento dos transtornos alimentares. A adolescência aparece, diversas vezes, como um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares. Por outro lado, os estudos apontam que muitas vezes o ambiente social e familiar, frequentemente influenciado pela mídia, acaba por valorizar excessivamente a magreza e, deste modo, a favorecer o desenvolvimento de patologias ligadas ao comportamento alimentar.

Em seu estudo sobre os altos índices de suicídio e homicídio entre jovens indígenas aculturados, Tardivo (2007) relacionou estes fenômenos com a situação complexa vivida não apenas pelos adolescentes, mas, também, pelos idosos e pelos povos a que pertencem. Utilizando o Procedimento de Desenhos Temáticos, a pesquisadora solicitou a um grupo de jovens que desenhassem “um jovem de São Gabriel da Cachoeira dos dias de hoje”, seguido de associações escritas. Considerando a situação social em que estavam inseridos, marcada por verdadeira destruição da cultura indígena, foi possível conhecer aspectos significativos das dificuldades e conflitos entre os jovens e seus familiares. Vários desenhos mostraram bebidas, drogas e cenas de violência, permitindo a constatação de que os próprios jovens se posicionavam de modo fundamentalmente preconceituoso sobre si mesmos, reproduzindo hostilidade e discriminação circulante na sociedade brasileira, a partir das quais são tratados, em sua dupla condição de indígenas e adolescentes. Muitos desses jovens, filhos de pais indígenas, desprezavam abertamente suas raízes culturais, não se vinculando a tradições nem a ritos de passagem tradicionais. Esta verdadeira ruptura em relação aos costumes das gerações precedentes acaba por provocar profundo desamparo.

No entender de Tardivo (2005, 2007), a sociedade tem sido incapaz de oferecer aos jovens uma perspectiva satisfatória quanto aos seus direitos como cidadãos. A pesquisadora cogitou sobre a possibilidade da situação dos jovens poder ser transformada mediante uma maior implicação dos mais idosos em seu processo de amadurecimento. Tal posição deriva da adoção de uma perspectiva segundo a qual a função dos mais velhos seria apresentar um forte sistema de valores, para que os adolescentes pudessem contestá-los com segurança e, deste modo, ser auxiliados no processo básico de formação de identidade. Entretanto, cedo deu-se conta de que, entre indígenas brasileiros, também a geração mais velha vivia em intensa crise de valores e de crenças, sob impacto de forte desilusão em relação aos descendentes, encontrando-se, deste modo, incapacitada para contribuir positivamente.

Caberia uma indagação sobre certo silêncio acerca de potencialidades ou virtudes adolescentes. Entretanto, quando refletimos sobre este quadro, examinando a origem institucional dos trabalhos sobre adolescência atual, logo verificamos que é bastante expressivo o interesse das ciências da saúde pela saúde física e mental dos vários segmentos da população, o que inclui a faixa etária correspondente à

adolescência, entre outras. Compreensivelmente, muitos estudos das ciências da saúde colocam-nas em próximo contato com importantes questões psicossociais.

O exame desta literatura produzida pelas ciências da saúde, tão claramente focada numa associação entre adolescência e risco de apresentação de variadas condições problemáticas, revela um quadro que faz sentido, na medida em que supomos que o estudo de dificuldades e sofrimentos dos adolescentes possa produzir conhecimento que gere benefícios e oriente práticas de cuidado. Entretanto, parece interessante frisar que, quando não temos em mente que tais ciências trabalham sob o viés do diagnóstico, cura e prevenção, a visão deste conjunto de trabalhos causa impacto no sentido de fazer supor que a adolescência seja inevitavelmente uma fase de vida particularmente arriscada e vulnerável.

Parece-nos fundamental reconhecer o valor científico dos artigos que vinculam a adolescência à violência, uso de drogas, gestação precoce, suicídio e outras problemáticas associadas à vulnerabilidade. Esta ênfase no patológico, compreensível e reveladora de uma legítima preocupação sanitária, pode, contudo, conjugada ao relativo silêncio das ciências humanas, contribuir indiretamente para a manutenção de preconceitos, uma vez que acaba por considerar a adolescência como “fator de risco”. Deste modo, ficam destacados aspectos negativos, como a vulnerabilidade emocional aumentada, mas não virtudes, tais como a flexibilidade, a abertura para o novo e a busca de caminhos para o futuro. Ora, o que talvez falte, nas pesquisas das ciências da saúde, seja a lembrança de que a adolescência é uma condição psicossocial na qual contradições, deficiências e problemas da sociedade se expressam com grande ênfase, o que demandaria uma revisão do próprio conceito de “fator de risco”. Contudo, vale lembrar que, felizmente, encontramos pesquisadores do campo da saúde pública preocupados, desde uma perspectiva crítica, com a concepção de adolescente em sua área de conhecimento (Peres & Rosenberg, 1998).

Compreensivelmente, encontramos, na área da educação, uma produção que se volta para a abordagem do adolescente, no contexto de uma preocupação com o alcance de objetivos escolares. Destacamos, por exemplo, a escolha profissional e a influência da família sobre tal decisão (Nepomuceno & Witter, 2010; Prata, Barbosa-Ducharne, Golçalves & Cruz, 2013). Encontramos, também, em número menos expressivo, o interesse em estudar a imaginação enquanto ferramenta para a configuração de novos sentidos pelos adolescentes em relação à escola, ao ensino e

à aprendizagem (Montezi & Souza, 2013) o que demonstra uma visão ampliada, voltada para as potencialidades dos jovens. Outro estudo preocupou-se em investigar e intervir, por meio de oficinas, como se dá a relação do adolescente com a escola nos dias atuais (Coutinho Souza & Oliveira, 2012). E, também, encontramos pesquisadores interessados em investigar as percepções de adolescentes com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) acerca do papel da escola em seu desenvolvimento psicossocial (Rangel Junior & Loss, 2011).

Nos estudos citados, notamos uma problematização da condição de adolescente, que parece considerar que os conflitos e problemas escolares certamente refletem questões sociais, históricas, culturais e políticas. Notamos que alguns apontam para as limitações da escola frente às características diversas dos alunos. Outras vezes, não parecem considerar as condições concretas de vida, já que o que se encontra, provavelmente, no centro destas questões seja a falta de confiança e esperança em uma vida adulta gratificante e significativa. Não nos parece correto negar que, num país do capitalismo periférico, marcado por profundas desigualdades sociais, como o nosso, aqueles que se preparam para entrar numa vida adulta, possivelmente precária, provavelmente enfrentarão pesadas dificuldades.

1.3. Os Idosos e as Relações Intergeracionais

Quando pensamos em promover maior convivência entre pessoas de diferentes idades, devemos lembrar-nos de considerar as condições concretas de vida, uma vez que estes grupos, numa sociedade organizada por classes sociais, não são, evidentemente, internamente homogêneos. Assim, de saída, ressaltamos que as vidas dos adolescentes, ou dos idosos, provenientes das classes mais abastadas diferem profundamente dos que sobrevivem em condições subalternas.

No que diz respeito ao idoso, parece importante considerar realidades tais como a daquele que trabalha para ajudar financeiramente a família, a daquele que permanece em casa, encarregando-se de tarefas domésticas, ou ainda, ajudando eventualmente na criação dos netos. Tais circunstâncias contrastam, certamente, com a dos idosos que usufruem de estabilidade econômica e construíram carreiras

profissionais que lhes permitem não apenas se manter ativos, mas ser efetivamente valorizados por sua maturidade e experiência.

Por outro lado, os adolescentes também vivem condições muito variadas, de acordo com a classe social a que pertencem. O percurso de um adolescente de classe alta, que escolhe uma carreira universitária cara, como, por exemplo, a medicina, contando com a possibilidade de ser sustentado comodamente até perto dos trinta anos de idade, certamente é muito diferente daquele de jovens cujas condições barram-lhe concretamente o acesso ao ensino superior. Assim, a vida difere marcadamente conforme estejam ou não inseridos na escola, caso estejam encarregados de obrigações domésticas ou tenham que trabalhar para contribuir com o sustento da família. Adolescentes desocupados, a partir de fracasso e evasão escolar, enfrentam condições bastante diversas daqueles que podem entrar mais tardiamente no mercado de trabalho porque contam com sustentação financeira familiar.

O aumento do número de idosos ativos no Brasil tem instigado a curiosidade dos pesquisadores sobre novas formas de considerar a relação entre as pessoas mais velhas e adolescentes. A nosso ver, tal movimento descortina possibilidades de encarar tanto a senescência como a adolescência de modo mais amplo, evitando a tendência de eventual supervalorização de aspectos disfuncionais e problemáticos. Na presente pesquisa, nos interessamos em estudar como têm sido os estudos com os idosos, pois, além de considerarmos relevante conhecer as características dessa fase, os idosos são parcela do mundo adulto, pois não são nem crianças e nem adolescentes.

Parece predominar, na literatura, uma visão sobre o idoso mais voltada para os problemas dos mais frágeis do que para o reconhecimento de potenciais e capacidades. Alguns estudos permitem desenvolvimentos clínicos importantes, por abordarem variadas condições patológicas, como as demências (Camargo et al, 2012; Lopes & Cachioni, 2012; Jacinto, Aguiar, Franco, Ribeiro & Citero, 2012; Talmelli, Vale, Gratão, Kusumota & Rodrigues, 2013; Pinheiro, Carvalho & Luppi, 2013) e o diabetes (Souza, Honorato, Xavier, Pereira & Ataíde, 2012; Anjos, Araújo, Barros, Pereira & Pereira, 2012, Tanqueiro, 2013). Por outro lado, encontramos, também, trabalhos que abordam problemáticas psicossociais altamente relevantes, tais como as dificuldades de acesso a medicamentos (Moura, Cohn & Pinto, 2012), a planos de

saúde (Hernandes, Lebrão, Duarte & Santos, 2012) ou sobre o gerenciamento de doenças crônicas (Veras, 2012)

Evidentemente, o envelhecimento corresponde, do ponto de vista biológico, a uma progressiva perda de funções, o que explica, evidentemente, o fato de os problemas de saúde serem mais frequentes entre idosos do que em outras faixas etárias. Tal situação se reflete, necessariamente, na produção científica, principalmente nas ciências da saúde. Contudo, outros são, provavelmente, os motivos pelos quais não encontramos tantas publicações, nem nas ciências humanas, que retratem os idosos desde outros pontos de vista. Deste modo, a vida das pessoas mais velhas parece estar reduzida, no debate científico, à apresentação de problemas de saúde. Por outro lado, parecem raros os estudos que se interessem pelas potencialidades dos idosos, tais como a criatividade (Leuty, Boger, Young, Hoey & Mihailidis, 2013; Sifaou, 2014), pelos efeitos da arte através de trabalhos manuais na autoimagem de idosos (Guedes, Guedes & Almeida, 2011), pela “força interna”, que se define como a conexão, firmeza, flexibilidade e criatividade, em idosos que tem doenças crônicas (Moe, Hellzen, Ekker & Enmarker, 2013) e pelo efeito dos programas intergeracionais nos idosos que apresentam sintomas de depressão, que evidenciaram a eficácia no combate ao isolamento e à solidão dos mais velhos (Murayama et al, 2014).

Entre nós, merece destaque o trabalho de Bosi (1994) que, em sua tese de livre docência, abordou a importância da relação entre avós e netos, reconhecendo que os mais velhos podem trazer contribuições fundamentais do ponto de vista da formação das novas gerações, justamente porque já vivenciaram o auge da idade produtiva e alcançaram uma perspectiva que não se pode ter antes.

O interesse pelos idosos, que se constituem como grupo crescente e diversificado é relevante, na medida em que variados fatores têm contribuído para um expressivo aumento da expectativa de vida da população brasileira. Compreende-se, assim, que várias leis e decretos tenham sido criados, no país, no final do século vinte. Vale aqui lembrar tanto a criação da Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, regulamentada pelo Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996), como a Política Nacional de Saúde do Idoso (Portaria nº 1395, de 10 de dezembro de 1999), diretrizes que têm como objetivo fornecer bases legais para a garantia de direitos dos

idosos e promoção de melhores condições de vida, que incluem maior autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

Devemos também ressaltar que a proposição do Sistema Único de Saúde (SUS) e de suas leis complementares, que enfatizam os pilares da universalização, integralidade, descentralização e da participação popular, visaram, em grande parte, beneficiar também a população idosa, compreensivelmente mais sujeita a doenças em virtude do próprio processo de perda de funcionalidades orgânicas (Brasil, 2003). Essas diretrizes políticas são de extrema relevância e mostram, a nosso ver, uma preocupação com a situação do idoso no Brasil, ainda que importantes questões práticas devam ser enfrentadas para que os ideais se tornem efetiva realidade. Afinal, tornar-se idoso numa sociedade em que as desigualdades sociais são profundas certamente agrava experiências de desamparo.

Um interessante e recente estudo evidencia a preocupação em analisar o discurso de mulheres idosas a respeito de como estão vivenciando o envelhecimento. Mirian Goldenberg (2011, 2012) entrevistou, na zona sul do Rio de Janeiro, brasileiras de classe média alta com idades entre 50 e 60 anos. Após realizar grupos focais e entrevistas de profundidade com questionários compostos por perguntas abertas, a autora encontrou discrepância entre as conquistas objetivas, tais como independência financeira, maior escolaridade, liberdade afetiva e sexual, e a miséria subjetiva em seus discursos, que versavam sobre preocupações com doenças, excesso de peso, vergonha do corpo, medo de solidão e sensação de invisibilidade. Para a antropóloga Mirian Goldenberg (2011, 2012), no Brasil, o corpo pode ser considerado como um capital, pois as mulheres investem muito dinheiro para deixá-los mais atraentes de acordo com um padrão estético imposto nos dias atuais. Tal corpo deve ser conquistado, segundo a autora, com esforço, sofrimento e investimento financeiro, para que se mostre belo, jovem e magro. A autora defende que o corpo das brasileiras tem se mostrado uma importante ferramenta para a ascensão social e que esse investimento também ajuda no mercado de trabalho, no casamento e no mercado sexual. Assim, tanta ênfase na estética corporal faz com que a velhice seja temerosa para as brasileiras entrevistadas. Após viajar para a Alemanha, comparou os discursos das mulheres alemãs com as brasileiras e concluiu que as alemãs se mostraram muito mais confortáveis com o envelhecimento. Elas falavam sobre as realizações profissionais, intelectuais e afetivas que conquistaram com o tempo e

diziam que, aos sessenta anos, se sentiam no auge da vida, entusiasmadas com viagens, projetos profissionais, programas culturais, etc. Goldenberg (2012) constatou, também, algo que denominou “capital marital” (2008, 2011), ou seja, o marido como um bem de consumo. Ela concluiu que as brasileiras mais satisfeitas eram as casadas e que o discurso girava em torno de uma figura masculina, ora pela lamúria de não ter um marido, ora pela satisfação por se sentirem mais interessantes, superiores e imprescindíveis do que/para seus maridos. Se, no Brasil, o corpo e o marido são considerados “capitais”, o envelhecimento pode ser considerado como uma fase de perdas e faltas. Por outro lado, na Alemanha, a idade avançada parece significar um momento de realizações e de liberdade (Goldenberg, 2011, 2012).

Em contrapartida ao que foi constatado pela autora com as mulheres com idades entre 50 e 60 anos, ao entrevistar brasileiras que tinham mais de 70 anos, percebeu que valorizavam intensamente a liberdade que a velhice permitiu que conquistassem. As idosas “mais velhas”, aparentemente, estavam conseguindo aproveitar o tempo livre para fazer o que bem desejassem. Muitas começaram a cantar, dançar, fazer *pilates* ou outros exercícios físicos, a frequentar teatros e fazer outros programas que antes não conseguiam, segundo elas, por estarem tão ocupadas cuidando da família e dos filhos (Goldenberg, 2011, 2012). Consideramos essa liberdade de escolha fundamental para que as idosas possam aproveitar as relações com os netos ou pessoas de outras faixas etárias com maior autenticidade, pois, neste caso, não estariam cuidando ou sendo responsáveis diretas pela criação e educação dos jovens.

A nosso ver, a convivência entre pessoas de diferentes gerações ocorre em vários âmbitos. Contudo, talvez não sejam valorizadas como deveriam ser, deixando de receber atenção e cuidado. Consideramos que esse tema merece exame e reflexão, tanto da parte dos pesquisadores das ciências humanas como da sociedade civil. No âmbito familiar ocorre, evidentemente, convivência entre diferentes gerações, que se dá de modo diferenciado segundo a classe social. Na classe média é mais comum que a família nuclear habite um domicílio que não é compartilhado com avós ou outros membros da família extensa. Por outro lado, nas classes populares, pessoas de diferentes gerações convivam sob um mesmo teto. Por este motivo, na clínica institucional, somos frequentemente confrontados com situações de coabitação que reúnem pais, filhos, tios, primos, avós e até bisavós.

No mundo do trabalho, normalmente, também há coexistência entre indivíduos de diferentes faixas etárias, que podem ser diversas em termos da própria organização das tarefas. Muitas vezes, os mais jovens ocupam posições subalternas. Outras vezes, em função da escolaridade, jovens, que completaram formação universitária, ocupam posições hierárquicas superiores aos mais velhos que, em virtude de uma inserção de classe, não puderam estudar. Assim, a questão etária entra numa complexa trama na qual muitos outros aspectos também estão em jogo.

De todo o modo, parece-nos fundamental lembrar que as relações entre diferentes gerações assumem formas que são social e culturalmente produzidas. Neste âmbito, uma ênfase importante tem sido dada à questão da discriminação dos mais idosos. França, Silva e Barreto (2010) ressaltaram a importância dos programas intergeracionais para o combate do preconceito frente ao envelhecimento. As autoras defenderam que é preciso criar medidas nas áreas econômicas, de educação, saúde e serviços sociais, incluindo as crianças e os jovens, para a prevenção dos preconceitos e conflitos etários. Segundo elas, tais medidas podem estimular maior solidariedade na sociedade contemporânea. Apontaram que a aprendizagem informal, visando à melhoria da comunidade, deve ser o foco fundamental do trabalho entre gerações. Destacaram, ainda, que a fomentação de projetos intergeracionais pode diminuir o preconceito contra os trabalhadores idosos. As autoras sugerem que os jovens também podem, por exemplo, conduzir a inserção digital dos idosos e outras atividades cotidianas que sejam de aprendizagem recente. Tais trocas, que independem dos laços familiares, favoreceriam a afetividade, o resgate de valores e a memória, a quebra de preconceito e as atitudes solidárias. As autoras exemplificam, ainda, que um programa intergeracional pode ocorrer a partir de visitas sistemáticas de jovens a um hospital infantil ou de idosos, de trabalho voluntário em uma creche comunitária, de sistema de transporte solidário, de centros de recreação e de escolas da comunidade, onde os mais velhos possam ser tutores de jovens ou vice-versa. Sugerem, ainda, que, primeiramente, deve ser feito um diagnóstico inicial sobre os interesses da comunidade, os recursos disponíveis, os objetivos a serem cumpridos e avaliações periódicas do andamento das atividades para que um programa intergeracional seja bem-sucedido (França, Silva & Barreto, 2010).

Concordamos com a ideia de que a convivência com pessoas de diferentes idades pode originar benefícios mútuos, mas vale ressaltar que, na pesquisa citada

acima, a preocupação central em defender os programas intergeracionais visa à quebra de preconceitos frente ao envelhecimento. A questão do preconceito etário contra os adolescentes não foi abordada. A preocupação com os idosos e o “ageísmo” parece ser muito mais abordada do que o sofrimento do adolescente como vítima de preconceito. Entretanto, seria interessante, a nosso ver, que o ambiente no contexto do qual são incentivadas interações intergeracionais seja sustentador, no sentido winnicottiano do termo, para que envolvidos tenham a oportunidade de se sensibilizar com as necessidades alheias e próprias. Por isso, consideramos importante uma preparação para que dificuldades em lidar com o outro não sejam transformadas em irritação e maus tratos.

Em contraste, podemos encontrar, no campo da antropologia, pesquisas voltadas ao estudo de interações cotidianas, que nos mostram que relações construtivas e solidárias entre gerações são comuns em certas formações sociais, pela via de uma antropologia de bebês e de seus cuidadores (Gottlieb, 2009) Nesta linha, lembramos um estudo, realizado em uma sociedade africana tradicional, que se caracteriza por uma convivência contínua entre pessoas de diferentes faixas etárias, em que a maior parte das atividades ocorria em um ambiente de convívio comum. Crianças e jovens brincavam no meio da aldeia, todos compartilhavam os cuidados direcionados aos bebês, crianças e tios-avós enquanto trabalhavam e se ocupavam da sobrevivência no dia a dia (Gottlieb, 2012). Deste modo, contamos com uma rica descrição do modo como um grupo humano consegue inventar uma solução para um problema universal, o da prematuridade do bebê humano, implicando diferentes gerações, sem distinção de sexo, no cuidado dos pequenos. Por outro lado, esta pesquisa não deixa de ser tocante por evidenciar que interações solidárias e aparentemente conforme ao *éthos* humano podem ocorrer num ambiente marcado pela miséria material, que se liga a processos coloniais.

Evidentemente, na medida em que o modo humano de viver ultrapassa, decididamente, a esfera biológica, para se fazer como transmissão cultural, as trocas geracionais são um fenômeno complexo e de alta relevância, que se faz principalmente pela via da ciência, da tecnologia, da arte e da religião. Há, entretanto, um aspecto, que faz parte desta complexidade, que diz respeito ao modo como se dão as interações entre gerações no cotidiano.

Partindo do reconhecimento da necessidade de incentivar a solidariedade entre gerações, não no contexto da preocupação direta com a infância e juventude, mas de proteção dos mais velhos, o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, estabelecido na conferência de Madrid em 2002, (Organização das Nações Unidas [ONU], 2002) estabelece:

Reconhecemos a necessidade de fortalecer a solidariedade entre as gerações e as associações intergeracionais, tendo presentes as necessidades particulares dos mais velhos e dos mais jovens e de incentivar as relações solidárias entre gerações (ONU, 2002, p.22)

Alguns estudos sobre relações intergeracionais, que focam especificamente a relação de adultos com adolescentes, são particularmente interessantes. Entre eles, destacamos o trabalho de Silva e Salomão (2003), que estudaram a relação entre avós maternas e bebês de mães adolescentes, averiguando, especificamente, as reações iniciais perante a gravidez, as concepções sobre a maternagem das adolescentes e os papéis desempenhados pelas avós. Constataram, através relatos das avós e das jovens mães, que predominaram as reações iniciais desfavoráveis frente à notícia da gravidez. Já em relação ao exercício da maternidade, notaram que houve uma concepção favorável, principalmente no relato das adolescentes-mães, embora as avós tenham ressaltado que houvesse imaturidade e impaciência por parte das mães com suas crianças. Ou seja, as próprias adolescentes consideravam que estavam sendo “boas mães”, discurso contrário ao das mães das adolescentes.

No que diz respeito aos papéis das avós maternas dos bebês, as participantes disseram que concebiam, primeiramente, o papel de cuidar/apoiar, em seguida ensinar/orientar, avaliar, controlar, ou seja, os mesmos papéis designados às mães. As autoras observaram que as avós falavam mais nas entrevistas e pareciam se sentir, também, mais à vontade para verbalizar aspectos de suas próprias vivências do que as jovens mães. As pesquisadoras consideraram que a evidente participação das avós na criação de seus netos causa, também, muitos conflitos acerca dos papéis entre ser mãe e ser avó. Neste contexto surgem, inclusive, queixas sobre não estarem tendo oportunidade de vivenciar a condição de avó, devido à grande responsabilidade que sentem pela criação dos netos. Por outro lado, perceberam que as avós poderiam estar inibindo o desempenho das jovens mães. Notaram, também, que algumas adolescentes achavam que as avós se saíram melhor como avós do que como mães,

por serem pessoas mais experientes e, por isso, com melhores condições de reflexão sobre os erros passados e de rever pontos de vista, favorecendo, assim, o desempenho na criação das crianças (Silva & Salomão, 2003). Aqui, as relações intergeracionais são bem específicas e problemáticas, em que parece ocorrer uma necessidade de fazer com que as mães adolescentes amadureçam precocemente. A relevância do estudo se deu por abordar uma relação de apoio fundamental, a nosso ver, em um período sensível e delicado do pós-parto.

Souza (2003) objetivou, em sua pesquisa, promover o bem estar de idosos e adolescentes a partir de um projeto de integração de gerações sobre reminiscências, na cidade de Taguatinga, Distrito Federal, realizado em 1994, baseado na realização de atividades conjuntas, por meio do uso de objetos antigos, fotos, entre outras materialidades, que facilitaram o desenrolar dos encontros. Através de entrevistas semiestruturadas em grupos focais, antes e depois das atividades, que envolviam os jovens e os idosos, Souza (2003) encontrou mudanças de atitudes dos jovens em relação aos idosos e relatos de melhora no estado de saúde dos idosos. Concluiu que o processo de reminiscências contribuiu para o fortalecimento de confiança mútua e que mais estudos seriam necessários para a validação dos achados.

Em tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo, Ferrigno (2009), apresentou estudo de caráter qualitativo e interventivo, que suscita reflexões interessantes sobre a convivência entre gerações, incentivando novas iniciativas institucionais. Sua pesquisa empírica surgiu a partir da necessidade de avaliação de atividades com grupos de várias idades, que ocorreram no Serviço Social do Comércio (SESC), em São Paulo, com a finalidade de coeducação e de incremento da solidariedade entre gerações. Nela, buscou estudar o relacionamento do grupo no exercício compartilhado das atividades culturais e de lazer. Percebendo, à primeira vista, o preconceito recíproco entre as gerações, desconhecimento, conflitos e estranhamentos, concluiu que as atividades de caráter lúdico poderiam ser alternativas possíveis para o desenvolvimento de uma cultura intergeracional mais solidária (Ferrigno, 2009).

Outro interessante estudo, que traz contribuições para a questão das relações intergeracionais, realizado por Machado, Aiello-Vaisberg, Gil e Tardivo (2003), deriva de pesquisa sobre a potencialidade mutativa de oficinas psicoterapêuticas que reuniam, num mesmo atendimento, adolescentes, adultos e idosos. Nestas sessões,

cartas, fotos e lembranças foram utilizadas como materialidade mediadora, segundo as diretrizes clínicas por meio das quais se define o chamado Estilo Clínico Ser e Fazer (Ambrosio, 2013). O estudo minucioso das sessões, em termos de acompanhamento de campos de sentido afetivo-emocional, permitiu indicar a ocorrência de experiências mutativas marcadas por trocas intergeracionais fecundas. Considerando que enquadres terapêuticos são ambientes que, apesar de protegidos, inserem-se, inevitavelmente, no contexto social em que ocorrem, os desenvolvimentos que emergem em atendimentos podem ser, a nosso ver, compreendidos como indicadores de possibilidades de instauração de novas formas de vínculo entre pessoas e grupos de diferentes faixas etárias. Indicam, portanto, que quando ambientes suficientemente bons são constituídos, as interações entre diferentes gerações podem acontecer de modo saudável e isento de preconceito.

Capítulo 2

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

*de som a som
ensino o silêncio
a ser sibilino*

*de sino a sino
o silêncio ao som
ensino*

(Paulo Leminski)

Este capítulo está organizado em duas partes. Na primeira, apresentaremos a fundamentação teórica do método psicanalítico na psicologia concreta, seguido pela descrição dos principais conceitos utilizados na presente pesquisa: conduta, imaginários coletivos e campos de sentido afetivo-emocional. Na segunda parte, descreveremos os procedimentos investigativos: os procedimentos de configuração, registro e interpretação das entrevistas e o procedimento de interlocuções reflexivas.

2.1. Fundamentação Teórico-Conceitual

A pesquisa qualitativa, que vem se desenvolvendo no âmbito internacional e nacional, é reconhecida como uma abordagem investigativa que exige a explicitação de pressupostos teóricos. Tal requisito se impõe na medida em que se questiona a ditadura do positivismo, que passa, deste modo, a ser visto como uma dentre as várias opções disponíveis na produção de conhecimento na área das ciências humanas.

Quando rompemos com a predominância de um modelo positivista, um interessante panorama se descortina diante do pesquisador que se volta para o uso de abordagens qualitativas. Diversas perspectivas – diversas, mas convergentes – configuram um campo multifacetado, no âmbito do qual convivem referenciais fenomenológicos, dialéticos, etnográficos e outros (Denzin & Lincoln, 2005). Esta convergência está presente na medida em que as pesquisas qualitativas focalizam

sempre atos humanos em termos de seus significados e sentidos, seja qual for sua abordagem teórico-metodológica. Assim, não nos surpreende constatar que a pesquisa psicanalítica seja considerada como uma modalidade específica de pesquisa qualitativa (Parker, 2005; Frosh & Young, 2013).

Entretanto, parece haver mais de um modo de utilizar a abordagem psicanalítica em pesquisas qualitativas (Herrmann, 2004). Uma delas consiste em usar teorias psicanalíticas para compreender dados eventualmente coletados a partir do uso de entrevistas, abertas ou semidirigidas, ou de diferentes instrumentos, tais como testes projetivos (Simon, 1997).

Outro modo de articular psicanálise e pesquisa qualitativa, que aqui adotamos e que foi defendido com rigor por Herrmann (1979), consiste em organizar investigações qualitativas a partir do uso do método psicanalítico – e não da aplicação de teorias prontas para explicar achados empíricos. Esta opção se fundamenta numa visão segundo a qual a dimensão metodológica seria originária do campo psicanalítico, enquanto teorias e procedimentos terapêuticos seriam produtos derivados do uso do método, que visa, fundamentalmente, investigar os processos concretos de produção de sentidos emocionais. Trata-se, é bom frisar, de um posicionamento que se embasa diretamente numa visão freudiana que se expressa claramente na definição, clássica e consagrada, do verbete “psicanálise” do vocabulário elaborado por Laplanche e Pontalis (1967):

Disciplina fundada por Freud e na qual podemos, com ele, distinguir três níveis:

a) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.

b) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e o especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou uma análise).

c) Um conjunto de teorias psicanalíticas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (Laplanche e Pontalis, 1967, p.495).

De acordo com esta definição, podemos utilizar a psicanálise – enquanto método – dentro ou fora do contexto de atendimento a pacientes. Defendemos, assim, a realização de trabalhos empíricos qualitativos que se articulam ao redor do método psicanalítico, naquilo que tem sido denominado clínica extensa, ou seja, através da investigação da sociedade e da própria cultura (Herrmann, 1979).

Em nosso grupo de pesquisa, partimos da perspectiva da psicologia concreta (Poltzer, 1928) que considera as condições reais e concretas em que a vida ocorre e critica o tratamento de fenômenos de forma abstrata e distanciada do acontecer humano. A partir dessa concepção, defendemos que as ciências humanas compartilham um mesmo e único objeto de estudo: o ser humano. Em outros termos, diremos que o conjunto das disciplinas humanas focaliza o ser humano e suas manifestações. Mesmo os produtos da ação humana, objetos, artefatos e, até, produções culturais, são condutas, são manifestações do modo humano de estar no mundo (Bleger, 1963). Cada ciência humana se define, nesta visão, pelo fato de abordar conjuntos de características ou qualidades do fenômeno humano. Caberia especificamente à psicologia, neste quadro, o estudo da dimensão afetivo-emocional das condutas humanas.

2.2. Os Conceitos de Conduta, Imaginários Coletivos e Campos de Sentido Afetivo-Emocional

Quando pesquisamos adotando uma perspectiva concreta, definimos os fenômenos que nos interessam como **condutas**, ou seja, como atividades humanas e jamais como coisas, objetos ou conteúdos mentais – conteúdos usualmente pensados como entes existentes num espaço intrapsíquico. Diz Bleger (1963/1975):

A conduta molar é uma totalidade organizada de manifestações, que se dá com uma unidade motivacional, funcional, objetual, significativa e estrutural. Seus caracteres são os seguintes: 1) ter motivação, quer dizer, que tem causas, que está determinada; 2) unidade funcional; a de possuir função, finalidade ou objetivo: resolver as tensões produzidas pela motivação; 3) possuir objeto ou fim, que é sempre um vínculo, uma relação interpessoal, real ou virtual; 4) possuir uma unidade significativa, quer dizer, ter um sentido que se implica compreensivelmente como acontecer humano na personalidade total e na situação na qual emerge; 5) ter estrutura: implicar uma pauta específica de relação. (Bleger, 1963/1975, p.68).

Bleger (1963) diferencia três áreas de expressão do fenômeno unitário da conduta, que correspondem aos chamados fenômenos mentais, corporais e de atuação no mundo externo. Concebendo tais áreas de expressão, este autor marca a pluralidade de fenômenos que o termo conduta, sendo unitária, abarca. É importante ressaltar que a conduta não surge, no entender de Bleger (1963), a partir da interioridade individual, suposta como desde sempre existente. Ao contrário, postula que toda manifestação humana se dá como emergente de campos relacionais, que se configuram intersubjetivamente. Tais campos relacionais, por seu turno, têm lugar no mundo humano, em contextos sociais, econômicos, culturais, geopolíticos e históricos. Para Bleger (1963), considerar o ser humano de modo abstrato, natural e isolado corresponde a um grave equívoco, que nos distancia de modo irremediável de uma correta compreensão da conduta de indivíduos e coletivos.

Temos usado o conceito de **imaginários coletivos** para designar conjuntos de condutas de coletivos humanos sobre figuras sociais (Aiello-Vaisberg & Ambrósio, 2006). Desse modo, o conceito de imaginário cobre desde manifestações que se expressam na área mental ou simbólica e, habitualmente, são aceitas como atividade imaginativa, até atos que concretizam certas crenças/pensamentos/sentimentos, tais como, por exemplo, a iniciativa daquela pessoa que muda de calçada, ou aperta o passo, toda vez que percebe a proximidade de grupos de adolescentes pobres, mesmo que não tenha consciência de estar imaginando que aqueles causariam problemas. A pesquisa psicanalítica sobre imaginários coletivos concebidos como condutas consiste, fundamentalmente, na busca de compreensão da dimensão afetivo-emocional de manifestações de indivíduos e coletivos. Na medida em que adotamos uma perspectiva concreta, seguindo as recomendações epistemológicas e metodológicas de Bleger (1963), ao pensar os imaginários coletivos como condutas, como atividade e/ou como produtos de atividade humana, tanto em âmbito individual como em âmbito coletivo, rompemos com a ideia de que as manifestações imaginativas seriam apenas simbólicas ou mentais (Aiello-Vaisberg, 1999; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008).

Este tipo de compreensão inclui e valoriza, fundamentalmente, uma dimensão do acontecer que denominamos **campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos**, vale dizer, relativos a condutas (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008). Estes campos são inconscientes relativos na medida em que se constituem

como substratos afetivo-emocionais a partir dos quais emergem as diversas manifestações nas três áreas de expressão da conduta (Bleger, 1963). Nesta linha, o inconsciente não é concebido como instância intrapsíquica, mas como algo que existe num espaço virtual interpessoal. Sua principal característica deixa, portanto, de ser o recalque, para se tornar aquilo que se constela em registros sensíveis e pré-reflexivos do viver. Os campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, são mundos vivenciais que não são meramente encontrados porque não estavam presentes, desde sempre, como “dados”. Na verdade, os campos são conjurados no encontro e pelo encontro, ainda que suponhamos que possam se reatualizar em outras circunstâncias. Assim, podemos dizer que são criados/encontrados, pois não são nem pré-existentes, apenas aguardando por serem descobertos, como tampouco arbitrariamente estabelecidos por um pesquisador que os criaria a seu bel-prazer. Aqui, portanto, o criar/encontrar⁴ não é outra coisa senão a produção compreensiva de interpretações psicanalíticas, ou seja, de campos de sentido afetivo-emocional, que são campos psicológicos não-conscientes, vivenciais e pré-reflexivos, o substrato afetivo-emocional a partir dos quais emergem as manifestações de conduta. Criamos/encontramos campos de sentido afetivo-emocionais a partir da vivência do pesquisador quando habita o campo transferencial, no encontro com os participantes da pesquisa, sejam eles pessoas ou produções humanas, tais como filmes, documentários, músicas, obras de arte, entre outras.

2.3. Procedimentos Investigativos

Buscando facilitar o intercâmbio com pesquisadores qualitativos, que adotam diferentes abordagens teórico-metodológicas, temos operacionalizado o uso do método psicanalítico em termos da diferenciação de quatro procedimentos investigativos: 1) procedimento de configuração de entrevistas; 2) procedimento de registro de entrevistas; 3) procedimento de interpretação de entrevistas e 4) procedimento de interlocuções reflexivas.

⁴ A expressão “criar/encontrar” refere-se à postura winnicottiana, que compreende o processo psicanalítico como encontros inter-humanos que criam e encontram sentidos em conjunto.

Os três primeiros procedimentos correspondem à forma de atualização do método psicanalítico propriamente dito. Assim, baseiam-se diretamente na observação dos passos constitutivos do método, vale dizer, atenção flutuante e associação livre de ideias (Laplanche & Pontalis, 1967). Tais passos, classicamente concebidos segundo um registro discursivo, têm sido considerados, em nossas pesquisas, como dependentes da adoção de uma atitude fenomenológica de abertura ao encontro. Neste, tanto fazemos um convite à expressividade subjetiva do participante, como cultivamos uma postura de abertura e acolhimento. Considerando que toda conduta emerge a partir de substratos afetivo-emocionais, entendemos que estes podem vir a ser criados/encontrados interpretativamente, mediante a observação das “palavras-de-ordem” metodológicas recomendadas por Herrmann (1979): “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido emergente”. O elemento fundamental, que subjaz à possibilidade de compreensão do campo de sentido afetivo emocional, ou inconsciente relativo às condutas emergentes, corresponde a uma capacidade que está presente em todas as interações humanas, mas que é instrumentalizada na pesquisa e na clínica psicanalítica: aquela de ser impactado emocionalmente, na transferência, pelo que ocorre durante o encontro (Devereux, 1977).

O quarto procedimento, no qual buscamos refletir sobre nossas interpretações por meio da interlocução com outros autores, corresponde a um momento em que abandonamos o método psicanalítico para procedermos a um trabalho intelectual e reflexivo, buscando produzir dialogicamente um conhecimento que deve ser compreensivo, local, dramático e concreto. Seu objetivo é o de compreender sentidos de atos humanos, tendo em vista contribuir num processo de transformação da vida de indivíduos e coletivos. Não se trata, portanto, de um esforço no sentido do estabelecimento de leis de caráter universal.

2.3.1. Procedimento de Configuração das Entrevistas

Na presente pesquisa, o procedimento de configuração dos encontros com os participantes concretizou-se por meio de entrevistas individuais organizadas ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999). Este recurso visa produzir material para o estudo psicanalítico de imaginários coletivos

(Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2013) e foi desenvolvido a partir de procedimento originalmente criado por Trinca (1976), com finalidades clínicas de caráter diagnóstico, mas é atualmente utilizado em diversos contextos (Trinca, 2013). No presente caso, foi concretizado por meio do convite, ao participante, de que desenhasse um “adolescente dos dias de hoje” e, posteriormente, a inventar uma história sobre a figura desenhada. Após a confecção do desenho, explicamos que, o participante pode escrever a história ou contá-la oralmente para que a pesquisadora o faça, conforme se sinta mais confortável.

Na medida em que concebemos o imaginário como conduta, o tema que vinculamos à solicitação que formulamos ao participante ganha inegável sentido. Afinal, trata-se de favorecer o surgimento de condutas imaginativas que se concretizam pelos atos de desenhar e inventar uma história. Apelando para a capacidade imaginativa, buscamos captar tendências e disposições afetivo-emocionais que eventualmente não se expressariam do mesmo modo se privilegiássemos uma via cognitiva.

Nas pesquisas de imaginários coletivos, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema tem sido usado segundo uma perspectiva que se harmoniza com a visão concreta, dramática e relacional a partir da qual usamos o próprio método psicanalítico. Firma-se, portanto, em convergência com o modelo estrutural-relacional identificado por Greenberg e Mitchell (1994) como um dos caminhos de teorização disponíveis atualmente no campo da psicanálise. Variados autores inscrevem suas concepções teóricas neste campo, dentre os quais destacamos tanto José Bleger, cuja afinidade com Mitchell tem sido demonstrada (Lieberman, 2014), como também D.W.Winnicott. Enquanto o primeiro nos tem proporcionado uma base epistemológica e indicações metodológicas valiosas, o segundo tem-se revelado um interlocutor precioso pela riqueza e sensibilidade com que articula seu pensamento.

À luz das contribuições de Winnicott (1968), tem sido possível conceber o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema segundo as linhas paradigmáticas do jogo do rabisco. Tal atividade, por meio da qual propunha um enquadre diferenciado, tinha lugar a partir de uma sugestão a seus pacientes de que completassem rabiscos desenhados pelo terapeuta que, por seu turno, buscaria completar rabiscos desenhados pelo paciente. Deste modo, criava um campo propício para que a comunicação emocional pudesse ser acolhida de maneira lúdica, facilitando, assim, a

emergência de conteúdos significativos. Tal procedimento seria facilitador e poderia propiciar uma expressão subjetiva mais completa⁵.

Defendemos que, ao adotar uma postura facilitadora, propondo o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema como mediador dialógico, o pesquisador permite que um material significativo possa surgir. Tal material corresponde, na nossa perspectiva, a condutas concretas, que emergem a partir de campos de sentido afetivo-emocional, cujo caráter é não consciente (Bleger, 1963).

2.3.2. Procedimento de Registro das Entrevistas

O procedimento de registro da entrevista deu-se por meio de dois caminhos. De um lado, os próprios desenhos, bem como as histórias inventadas, são registros que permitem sua consideração posteriormente ao encontro. Seu caráter gráfico-verbal permite que os entendamos como expressão narrativa. De outro lado, também elaboramos, com propósitos de documentar o encontro, em si mesmo evanescente, o que temos denominado narrativas transferenciais. As narrativas transferenciais foram elaboradas a partir de lembranças sobre aquilo que ocorreu no encontro, bem como a partir dos impactos afetivo-emocional que surgiram no campo transferencial (Aiello-Vaisberg, 2005). Esse tipo de registro tem sido adotado em nossas pesquisas devido à sua potencialidade heurística (Granato & Aiello-Vaisberg, 2004; Aiello-Vaisberg & Machado, 2005; Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune, 2009).

⁵ O uso do Procedimento de Desenhos-Estórias como Tema, segundo as diretrizes paradigmáticas do jogo winnicottiano do rabisco, à luz das quais se torna uma atividade dialógica de caráter brincante, tem-se revelado bastante fecundo na pesquisa acadêmica, gerando teses (Barreto, 2006; Martins, 2007; Ávila, 2008; Gallo-Belluzzo, 2011; Tachibana, 2011; Simões, 2012 e Goellner, 2013), dissertações (Corbett, 2009; Davanço, 2012; Manna, 2013; Ponce, 2013 e Barcelos, 2014), artigos e trabalhos publicados em anais de congressos nacionais e internacionais (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007; Pontes, Cabreira, Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2008; Ávila, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Russo, Couto & Aiello-Vaisberg, 2009; Martins & Aiello-Vaisberg, 2009; Pontes, Barcelos, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2010; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Montezi, Zia, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011; Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2012^a; Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2012^b; Tachibana, Beaune, & Aiello-Vaisberg, 2013; Barreto, Oliveira, Oliveira & Carneiro, 2013; Zullian & Tachibana, 2013; Gallo-Belluzzo, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2013; Simões, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2014 e Tachibana, Montezi, Barcelos, Sirota, & Aiello-Vaisberg, 2015). Estes artigos têm sido aceitos por periódicos importantes, tais como: *Paidéia, Psicologia e Sociedade, Psicologia: Teoria e Prática, Psicologia em Estudo, Psicologia em Revista, e Barbarói*.

Vale frisar que utilizamos o método psicanalítico ao escrever as narrativas transferenciais, pois registramos os impactos contratransferenciais em estado de associação livre e atenção equiflutuante (Laplanche & Pontalis, 1967). Não nos preocupamos em elaborar uma “cópia fiel e exata” do encontro, mas em garantir que as emoções, pensamentos, sentimentos e sensações do psicanalista sejam um veículo de expressão que possa ser compartilhado. Essa forma de registro marca a diferença entre o trabalho do psicanalista e do cientista que elabora seus relatórios (Granato & Aiello-Vaisberg, 2004). Também não há preocupação com o conhecimento das teorias psicanalíticas no momento em que são redigidas as narrativas transferenciais, a não ser que as teorias apareçam sob a forma de associações livres. A postura fenomenológica de desprendimento do conhecimento *a priori* é fundamental, pois permite maior abertura para a aproximação do fenômeno a ser estudado, sem reduzi-lo ao que a literatura científica já conhece sobre o tema (Aiello-Vaisberg, 1999)

2.3.3. Procedimento de Interpretação dos Registros

O procedimento de produção interpretativa ocorreu por meio da apresentação dos Desenhos-Estórias com Tema e das narrativas transferenciais para o grupo de pesquisa “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”. O grupo, integrado por pesquisadores capacitados a usar o método psicanalítico no contexto da pesquisa empírica, buscou interpretar o material obtido, visando a apreensão dos campos psicológicos não-conscientes, a partir dos quais se configuraram o imaginário coletivo de idosos sobre os adolescentes dos dias de hoje.

Nesta fase do trabalho, desenhos, histórias e narrativas foram apresentados pela pesquisadora e recebidos pelos integrantes em estado de atenção flutuante e de prontidão para acolhimento de associação livre de ideias. O intuito não era o de chegar a nenhum tipo de consenso, mas, ao contrário, o de permitir que múltiplos olhares enriquecessem o processo interpretativo.

Criar/encontrar campos de sentido afetivo-emocional corresponde à construção de um conhecimento compreensivo acerca dos ambientes emocionais a partir dos quais emergem as condutas. Tais ambientes são, eles próprios, criados pela atividade humana, enquanto, por seu turno, tornam-se um substrato, um campo, a partir dos

quais surgem novas condutas. Conhecer tais campos pode contribuir para a modificação de aspectos importantes das relações entre indivíduos e entre coletivos.

2.3.4. Procedimento Interloquções Reflexivas

Compreendemos o procedimento de interlocução reflexiva como uma etapa fundamental do processo investigativo psicanalítico, ainda que nele tenha lugar uma suspensão da atenção flutuante e da associação livre de ideias. Tal suspensão se faz justamente em função do que aqui se coloca em jogo, vale dizer, a consideração de ideias, teorias e pensamentos à luz dos quais possamos ampliar nossa compreensão sobre as interpretações que formulamos, aqui denominadas campos de sentido afetivo-emocional. Cabe lembrar, com Corbett (2014) que este distanciamento momentâneo dos passos constitutivos do método não significa abandono da perspectiva concreta e dramática que adotamos. Na verdade, debates teóricos implicam, necessariamente, de acordo com Bleger (1963), um afastamento, mesmo que mínimo, do plano da experiência imediata, que se realiza como encontro inter-humano. Entretanto, este movimento minimalista em direção à abstração não se confunde com a adesão a modelos objetivantes que acabam desfigurando o fenômeno humano, no que tem de único e fundamental.

No campo das ciências humanas, o exame de achados de pesquisa deve, a nosso ver, ser pensado como conversa intersubjetiva sobre significados e sentidos de atos humanos, ou seja, sobre condutas. Assim, não surpreende considerar que a fecundidade do debate exija alguma convergência em termos de visão antropológica subjacente ao referencial teórico-metodológico adotado. No nosso caso, a visão de ser humano inclui o reconhecimento da importância da dimensão afetivo-emocional, eventualmente não-consciente, no agir de indivíduos e coletivos. Admitir que motivações podem permanecer inconscientes explica condutas bizarras, cruéis ou sublimes, sem necessidade da invocação de forças impessoais ou de influências sobrenaturais. Deste modo, podemos considerar que o método psicanalítico se firma sobre fundamentos éticos, segundo os quais todas as condutas pertencem ao acontecer humano. Além disso, nossa perspectiva inclui a admissão de uma tendência de realização de potencialidades que se apresentam como virtualidades que apenas se atualizam em presença de um ambiente humano suficientemente bom. Tal visão

conjugua uma crítica ao pessimismo da psicanálise clássica, que certamente produz conformismo e conservadorismo (Inada, 2011), com o reconhecimento de que a realidade social é atravessada por contradições que produzem injustiças, humilhação e desamparo (Renault, 2008).

Capítulo 3

“O ADOLESCENTE DOS DIAS DE HOJE”: DESENHOS-ESTÓRIAS E NARRATIVAS TRANSFERENCIAIS

*O papel é curto
Viver é comprido.
Oculto ou ambíguo,
Tudo que digo
tem ultrassentido. (...)*

(Paulo Leminski)

Apresentamos, a seguir, os registros gerados pela realização das entrevistas, que consistem num conjunto de seis desenhos-estórias e seis narrativas transferenciais.

3.1. Participantes e Procedimentos

Participaram desta pesquisa seis idosos, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, cujas idades variavam entre sessenta e um a sessenta e nove anos. Todos foram contatados a partir de relacionamentos prévios da pesquisadora e convidados a participar voluntariamente da pesquisa. Os participantes⁶ residiam em uma cidade do interior de Minas Gerais e suas profissões eram autônomas, tais como, comerciante, prestador de serviços de limpeza, costureira, professora aposentada, advogado e administrador aposentado. Apenas dois participantes não concluíram o ensino médio e dois deles tinham curso superior completo. As entrevistas individuais para abordagem de personalidade coletiva foram realizadas na casa de cada idoso, tendo em vista que os participantes eram adultos e colaboraram, gentilmente, com

⁶ Foram escolhidos nomes fictícios para preservar o anonimato dos participantes.

nosso estudo. Por isso, puderam se organizar da maneira mais confortável e conveniente para receber a pesquisadora.

Todos aceitaram tanto desenhar e inventar histórias como conversar com a pesquisadora, como se poderá constatar pela leitura das narrativas transferenciais. Quatro participantes preferiram que as histórias fossem escritas pela pesquisadora, colocando-se visivelmente mais confortáveis para se expressar oralmente, enquanto os outros dois participantes optaram por escrever as histórias.

3.2. Desenhos-Estórias e Narrativas

3.2.1. Encontro com Dona Rita



Desenho 1: “O Adolescente dos Dias de Hoje” desenhado por Dona Rita.

A primeira entrevistada, Dona Rita, era uma senhora excêntrica e engraçada. Pele negra, gordinha, cabelos grisalhos e dona de um sorriso meigo e acolhedor. Era uma professora aposentada, que morava em uma casa cor-de-rosa com dois cachorros que eram, visivelmente, tratados como se fossem seus filhos. Não havia se casado, pois, segundo ela, em sua época de juventude, se preocupou mais em estudar e ter um emprego. Quando eu lhe expliquei que a pesquisa era sobre o imaginário de idosos sobre os adolescentes dos dias de hoje, ela logo disse que os jovens só queriam saber de beber e usar drogas. Em seguida, contou-me que o filho de sua prima “dava muito trabalho”, pois era viciado em maconha, pó e, provavelmente, outras drogas. O garoto tinha apenas treze anos e não sabiam mais

o que fazer com ele, pois haviam tentado interná-lo, mas ele só aceitou ficar por pouco tempo.

Dona Rita demonstrou muito capricho ao desenhar. Ela disse que gostava de analisar os desenhos das crianças no tempo em que lecionava. Contou que não gostava de usar a cor preta, e, quando as crianças usavam essa cor, ela já ficava atenta, pois não considerava um bom sinal.

Ela pediu uma borracha, pois achou que o adolescente desenhado estava meio “torto”, mas, logo em seguida, Dona Rita disse que combinava com o jeito o qual os jovens costumavam ir para as baladas, pois bebiam tanto que já saíam meio “tortinhos”.

Os cachorros de Dona Rita pulavam o tempo todo em cima de mim e dela, latiram praticamente durante todo o encontro. Eles dominavam o ambiente, mas, aparentemente, ela não deixou que eles atrapalhassem a sua dedicação enquanto desenhava.

No momento em que começou a escrever a história, ela pegou seu bloquinho de notas e disse que iria fazer um rascunho antes. Eu lhe ofereci outra folha de sulfite, mas ela disse que não precisava, pois usaria seu próprio bloquinho.

Ela escreveu:

“Os adolescentes nos dias de hoje pouco valor dão a liberdade. Para dar um passeio é raro vê-los sóbrios, muitos já saem embriagados ou drogados, parecem desencantados. Saem em turmas mas, muitas vezes não para se divertir e sim bagunçar.

É tão bonito quando vemos vários adolescentes divertindo uma diversão sadia daquelas que nem vê a hora passar.” [sic]

Ela disse que eu poderia colocar no “Word” para corrigir a ortografia, se necessário fosse. Eu sorri, respondi que havia gostado do que ela escrevera. Dona Rita disse que esperava que fosse útil para a minha pesquisa e completou: “de vez em quando, bate uma inspiração na gente!”

Eu lhe agradei, nos abraçamos e nos despedimos.

A entrevista foi longa, devido à sua dedicação e, também, pelo fato de os cachorros terem nos perturbado um pouco.

Percebi que o fato de o filho de sua prima ser um dependente químico influenciou bastante seu desenho e estória. Por outro lado, ela destacou que os jovens não dão valor para a liberdade, pois, como ela disse, na época em que era jovem, precisou trabalhar para ajudar seus pais. Ao mesmo tempo em que suas falas sobre os adolescentes foram relacionadas à bebida, não pude deixar de notar um tom “brincante”. Por exemplo, quando disse que os adolescentes saem “tortinhos” da balada. Ela mesma riu de seu comentário, como se fosse mais uma atitude infantil do que um comportamento desviante e preocupante.

Pensei que o fato de ter evitado usar a cor preta, que, segundo Dona Rita, significaria um sinalizador de problemas, possa levar à compreensão de que os adolescentes não sejam delinquentes, perdidos, ou “problemas sociais”. Senti que ela os considera apenas “crianças grandes” que desperdiçam a liberdade que podem ter nos dias de hoje, mas que alguns sabem aproveitar de maneira sadia essa fase.

3.2.2. Encontro com Dona Marisa



Desenho 2: "O Adolescente dos Dias de Hoje" desenhado por Dona Marisa.

A segunda participante, Dona Marisa, era uma senhora baixa, de cabelos louros, que usava óculos e tinha pele bem branquinha. Ela era costureira há muitos anos, e, também, uma querida vizinha. Liguei para ela para explicar sobre a entrevista e ela me disse para ir até sua casa na mesma hora. Quando cheguei lá, me deparei com sua netinha de quatro anos, que nos acompanhou durante toda a entrevista. Marisa contou-me que estava casada há mais de quarenta anos e tinha dois filhos e seis netos, sendo que a mais nova tinha quatro anos e, a mais velha, vinte e três.

Quando eu pedi para que desenhasse um adolescente dos dias de hoje, Dona Marisa ficou um pouco inibida. Disse que não sabia desenhar muito bem, mas eu lhe expliquei que não precisaria ser um desenho "profissional", apenas algo que ilustrasse como ela enxergava os adolescentes dos dias atuais. Ela ficou mais confortável durante a conversa e eu fui anotando algumas de suas falas.

Dona Marisa iniciou seu desenho contando que o filho adolescente de uma cliente havia roubado a chave da casa onde a mãe trabalhava, justificando que o fato

ocorrera porque o menino usava drogas. Ela comentou os detalhes do caso e disse que os adolescentes de hoje em dia não eram felizes. Falou que, na sua época, eles precisavam trabalhar, mas que eles eram alegres, já hoje em dia, é tudo um sofrimento e há muito envolvimento com as drogas. Ela me perguntava o tempo todo o que eu achava e se ela estava correta, pois, segundo ela, por eu ser psicóloga, poderia saber melhor que ela os motivos pelos quais os jovens agiam daquela maneira “rebelde”. Eu lhe disse que cada caso era um caso, tentei não influenciar o modo como ela pensava, fazendo o possível para manter uma postura empática.

Sua netinha estava ao lado e usou os lápis de cor para fazer desenho, mas Dona Marisa optou por não colorir o desenho, usou apenas a caneta azul para desenhar uma menina, praticamente sem detalhes.

Na hora de contar a história, ela preferiu que eu anotasse, pois disse que não sabia escrever direito. Ela foi falando, mas seu filho chegou à sua casa no meio da história, interrompendo a sua fala.

Ela disse:

“O adolescente dos dias de hoje podem ter falta de pai, mãe, carinho, dinheiro. Mas isso pode ser outras coisas, pois quem tem dinheiro também usa drogas, às vezes. Falta de Deus, uma religião boa, pois isso ajuda muito. Os pais devem ser muito amigo dos filhos, pois, para ser amigo dos outros, precisam primeiro ser amigo dos pais. Os pais devem ser os melhores amigos dos filhos. Há muito desinteresse dos pais na vida dos filhos e com a escola também” [sic]

Pensei que a entrada de seu filho pode ter interferido em sua estória, pois falou que os filhos precisam ser amigos dos pais exatamente naquele momento. Depois ela contou sobre sua neta mais velha, que estuda, trabalha e mora com um rapaz. Ela elogiou, disse que nunca deu trabalho, pois a menina sempre foi muito inteligente.

Percebi que ela tinha um exemplo das próprias netas, que eram adolescentes e não usavam drogas, pareciam ter seus potenciais reconhecidos, mas isso não foi considerado na entrevista. É como se o “adolescente dos dias de hoje” fosse tão marcado por características negativas que, quando algum jovem demonstra algo diferente disso, nem ao menos parece ser considerado um adolescente.

Eu lhe agradei, disse que havia me ajudado bastante, nos abraçamos e nos despedimos.

3.2.3. Encontro com Seu Tom



Desenho 3: "O Adolescente dos Dias de Hoje" desenhado por Seu Tom.

Tom era um senhor aposentado, mas que continuava trabalhando com serviços de limpeza. Quando o convidei para participar da pesquisa, ele aceitou na hora e pareceu gostar da ideia. A entrevista durou uma hora e meia, pois ele falou bastante e contou muitas coisas sobre sua vida. Sua filha engravidara, aos dezessete anos, de um estrangeiro que nunca assumiu o filho. Ele contou que seu neto, atualmente com vinte anos, decidiu morar com ele e a esposa. Segundo Seu Tom, o jovem "não tinha cabeça ainda", por isso poderia ser considerado um adolescente.

Sua netinha, de cinco anos de idade, nos acompanhou durante a entrevista. Uma garota engraçadinha, que debochava do desenho do avô o tempo todo, dizendo várias vezes “nossa vô, como você desenha mal! deixa eu te ensinar.” [sic] enquanto ele sorria para ela, sem repreendê-la em momento algum.

Ele fez um desenho interessante em que o adolescente parece estar bravo e questiona: “Qual será o meu futuro?” No momento de escrever a história, ele preferiu que eu escrevesse.

Ele falou:

“Quando vemos a sociedade de primeiro mundo, por exemplo, fiz estágio na Alemanha e fiquei impressionado de ver os colégios técnicos de lá. Aqui temos escolas boas. Eles pegam crianças pequeninhas e ensinam coisas sobre eletricidade, coisas que no Brasil seria uma boa saída. A sociedade diz estar preocupada, mas não atua. Nos Estados Unidos, existem muitas cadeias de prisão perpétua. No Brasil, eles ficam em instituições que não funcionam. São de quinta categoria. No Chile, está melhor que aqui! O governo usou os meios que tinham para educar a nação: o governo e a família. Pessoa que cresce sem família é difícil não ser problema. Sem família, educadores... Acho que os pais precisam saber o que querem da vida! Pensar antes de ter filhos, pois não são gatinhos ou cachorros. Vejo a adolescência um período lindo da vida. A infância é a fase mais linda, que a gente tem um pai que é o maior, gigante, se sente protegido. Lembro-me do meu pai assim, já hoje, ele precisa que eu dê banho nele e dou com o maior carinho e amor!”

Depois, Seu Tom comentou um pouco sobre drogas e bebidas, se questionou sobre os motivos de quererem usar isso. Orgulhou-se ao dizer que não precisa sair com amigos, pois sempre fez tudo com sua mulher e ela era a melhor amiga que ele poderia ter.

Sua visão me pareceu mais radical em alguns momentos, como, por exemplo, quando considerou a prisão perpétua como uma alternativa. Acreditar que o país deveria investir em cursos técnicos pareceu coerente com o seu ponto de vista de que os jovens que trabalham é que são “bons jovens”.

Considerarei o seu desenho intrigante, pois o adolescente aparece perguntando para alguém, como se estivesse bravo, qual seria o seu futuro. Como se o governo, a família ou alguém precisasse lhe responder.

Achei positivo o fato de sua visão ser mais “ampla”, ou seja, não demonizou os adolescentes gratuitamente, mas enfatizou que algo maior deveria ser oferecido para os adolescentes dos dias de hoje. Ele defendeu que “Se o ambiente oferecesse melhores condições, os jovens seriam menos problemáticos. A escola e a família precisariam atuar mais”. Sua visão foi claramente a de que os jovens precisariam trabalhar para serem saudáveis.

3.2.4. Encontro com Dona Elis



Desenho 4: “O Adolescente dos Dias de Hoje” desenhado por Dona Elis.

Dona Elis me recebeu em sua casa pela manhã. Havíamos combinado que eu iria entrevistá-la primeiro e, depois, o seu marido. Quando eu lhe pedi que desenhasse um adolescente dos dias de hoje, ela logo disse que os adolescentes estão mais feios, barbudos e peludos. Comentou que, na sua época, apenas os velhos bebiam; hoje em dia, os adolescentes também bebem. Dona Elis me perguntou se era para desenhar um adolescente mais juvenzinho ou um mais velho e eu disse que seria livre para fazer o que quisesse.

Ela se concentrou e desenhou em silêncio, depois disse para eu anotar o que ela tinha a dizer sobre o desenho:

“Foi um desenho muito bonito não! Acho que os adolescentes de hoje estão parecendo mais idosos do que adolescentes. Porque eles se vestem de uma maneira que não dá para entender, tatuagens, trajes rasgados, antigamente, só os mais velhos faziam isso. Antigamente, existiam fazendeiros ruins que matavam, hoje são os adolescentes que fazem isso! Dizem que o pai e a mãe são culpados, talvez sim, talvez não, né? Porque antigamente não levantávamos a voz para pai e mãe de maneira nenhuma, senão apanhava e ficava de castigo. Agora, não, quem mata, quem bate, quem estupra é os

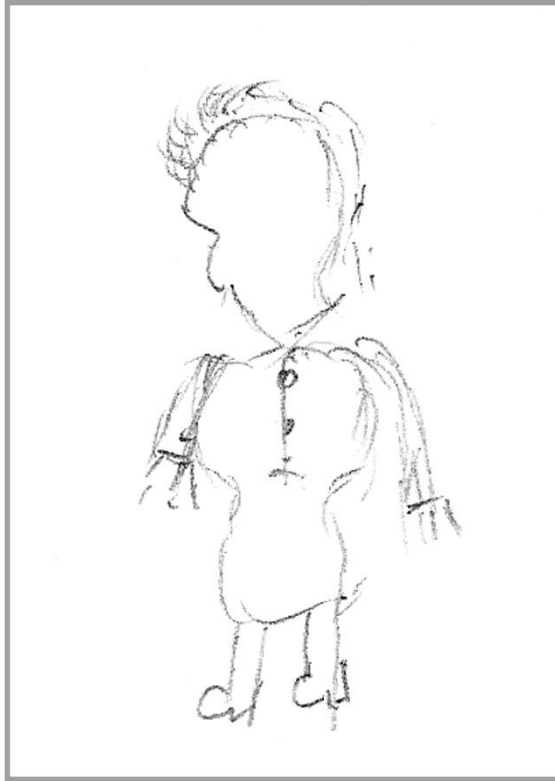
adolescentes. Os pais são culpados? Mãe é culpada? Uns, sim, não ligam, mas outros sofrem e não conseguem por eles no lugar deles.

“Os tempos modernos ajudam nisso. Tudo para vender, não deveria ter arma para vender, drogas; nosso mundo, nosso Brasil não seria assim. Se você não tem uma coisa pra comprar, não compra se não tiver pra vender! Os próprios lugares que plantam teriam que ver isso. É como uma criança pegando fogo, se não apagar o fogo, ela não para de queimar! Por que os “grandões” permitem isso? Por que não plantam um arroz e um feijão no lugar disso?”

“Não é pobre nem rico, tá tudo igual. O neto pode ser bom, mas e se alguém coloca na cabeça dele, influencia, ele muda! Os idosos apanham muito com isso hoje em dia. Antes namorava, saía com pai e mãe. Hoje querem ser livres... Outra lei errada é não poder trabalhar! Uma vez, fomos multados porque uns meninos vendiam sorvete pra gente! O policial disse que não podia e nem explicou o motivo. Depois, os meninos foram roubar o estabelecimento e os policiais falaram quem não podia prender! Daí eu falei que roubar pode, trabalhar não!!! Tá certo isso? Num pode tá, né...” [sic]

Considerarei um ponto de vista interessante, o de não focar no adolescente como alguém problemático, e, sim, ter ampliado seu olhar para a família e o governo. Ela tinha netos adolescentes e pareceu não considerá-los como adolescentes, pois foram netos que não “deram trabalho”. Notei, no discurso de Dona Elis, que ela parecia ter medo dos adolescentes

3.2.5. Encontro com Seu Chico



Desenho 5: “O Adolescente dos Dias de Hoje” desenhado por Seu Chico.

Seu Chico estava um pouco debilitado, pois havia sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC) há alguns meses e, como consequência, ficou com a audição comprometida. Então, tive que explicar diversas vezes o que era para ser feito. Ele fez um desenho simples, não quis usar os lápis de cor e começou a história em um discurso confuso:

“O adolescente, na minha opinião, descuidou um pouco. Fomos criados, o pai nosso olhou, somos em dez irmão e eu sou o mais velho. Eu não apanhei e ninguém apanhou. Ele olhava e já sabia a regra dele. A mãe soltou filho hoje e não consegue mais educar, né? Porque, da história minha, no meu pensamento, a mãe tinha que acompanhar mais o filho, né? Ela deixou pra conviver com as amigas e os filhos na rua. Se as mães acompanhassem mais os filhos, seria melhor. Não levam mais os filhos na igreja. Se a mãe não vai na igreja, o filho também não vai. Na minha época, andava cinco quilômetros a pé pra assistir uma missa no domingo. Tem as drogas, também, muitas mães e pais tem que

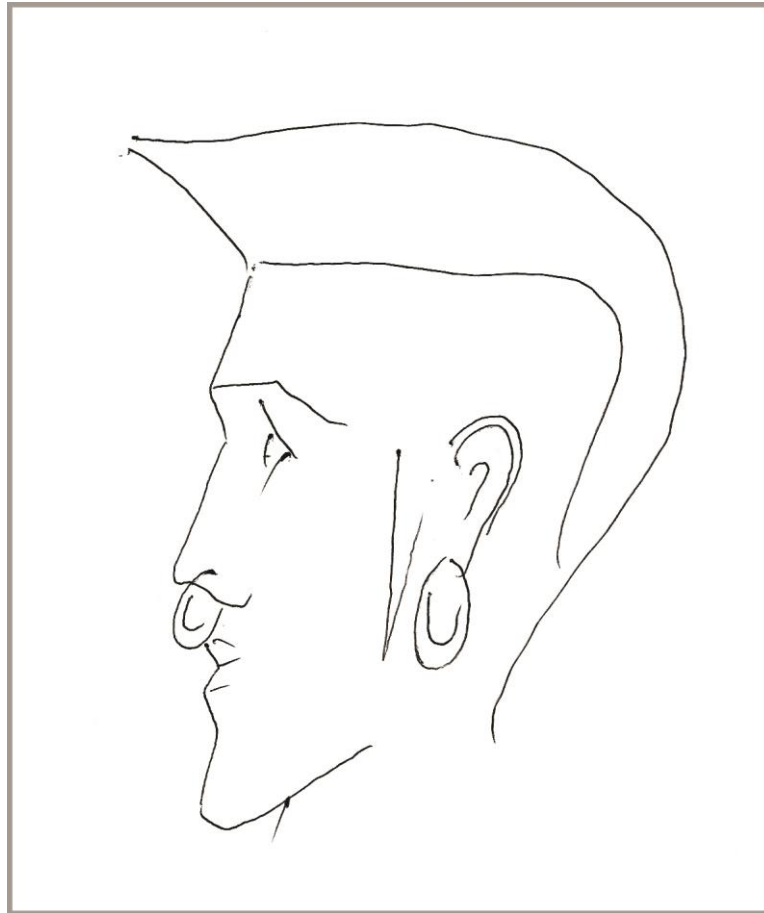
comprar drogas pros filhos não morrerem! As mães tinham que cuidar dos filhos e dar atenção e os pais tinham o dever de trabalhar, colocar comida na casa e disciplinar”. [sic]

Essa entrevista teve o sentido de que a “culpa” seria das mães. Na perspectiva de Seu Chico, as mães pareciam ser as grandes responsáveis pelas condutas inapropriadas dos jovens, pois elas que “soltaram” os filhos e optaram por conviver com as amigas, descuidando, assim, de uma educação mais religiosa.

Ele se orgulhou ao dizer que era o irmão mais velho de vários e que eles ainda o respeitavam bastante. Seus irmãos eram gratos, segundo ele, por ter seguido um caminho do estudo e trabalho, pois acreditavam que, se ele tivesse seguido um mau caminho, todos teriam o acompanhado.

Este encontro foi de curta duração, se comparado aos outros; durou apenas vinte minutos. Ficou evidente, através da fala de Seu Chico, a sua visão fatalista sobre a adolescência, como se fosse a fase decisiva para a escolha de um caminho “bom” ou “mau”.

3.2.6. Encontro com Seu Caetano



Desenho 6: "O Adolescente dos Dias de Hoje" desenhado por Seu Caetano.

Seu Caetano era famoso por ser um sujeito muito inteligente e excêntrico. Ele morava com dois cachorros e uma gata em uma casa rústica com uma extensa área verde. Era conhecido, também, por ser um homem bem culto. Quando cheguei à sua casa, sua esposa me recebeu, conversamos um pouco, e ela disse para eu ir até uma sala onde ele estava.

Seu desenho foi interessante, o perfil de um jovem com piercing e alargador na orelha. Ele estava mais calado no começo da entrevista e, quando pedi que inventasse uma história no verso da folha, ele escreveu:

"Começo de reencontro entre o índio e a sociedade que se diz, pretensiosamente, civilizada."

Depois explicou que considera que todos nós estamos no mesmo patamar de evolução, ou seja, ninguém seria diferente de ninguém. Ele disse que acreditava que nossa sociedade se dizia ser civilizada, mas, na prática, percebemos que isso é apenas uma ilusão. Compreendi que ele quis dizer que os adolescentes pareciam estar nessa transição entre o natural e a civilização.

Em seguida, Caetano disse que se interessava por Freud e me contou algumas ideias que ele considerava interessantes. Acreditava que Freud havia sido um homem rústico e que mostrar para os homens de sua época que eles não eram completamente conscientes de suas ações deve ter sido um grande desafio. Seu Caetano disse que acreditava que o nosso corpo poderia ser um instrumento de transcendência e fez, também, referências ao livro Bhagavad Gita.

Notei que seu interesse maior seria conversar sobre psicologia e questões existenciais e não tanto a questão do adolescente dos dias de hoje. Perguntei-lhe se ele convivia com adolescentes e ele respondeu que sim, com vários, mas não se prolongou.

Depois, Seu Caetano falou mais um pouco sobre o modo como vivemos hoje em dia, ou seja, todos querem influenciar as outras pessoas, mas ele acredita que ir por si mesmo seja o melhor caminho. Que cada um saberia buscar o que era melhor para si.

Fiquei com a sensação que, de todos os entrevistados, ele foi o único que não considerou a adolescência uma fase problemática, pois parecia acreditar que nascemos bons, porém seremos corrompidos pela sociedade em algum momento e o adolescente estaria vivendo o momento dessa transição.

Capítulo 4

CAMPOS DO IMAGINÁRIO DE IDOSOS SOBRE ADOLESCENTES

Vai me olhar com outros olhos ou com os olhos dos outros?

(Paulo Leminski)

Leituras e releituras dos desenhos-estórias dos participantes, bem como das narrativas transferenciais elaboradas pela pesquisadora, em estado de atenção flutuante, favorável ao acolhimento da expressão subjetiva dos participantes, permitiram a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional, ou inconscientes relativos, que denominamos “Seres Problemáticos” e “Seres Negados”.

Em outros termos, consideramos que as diferentes condutas, que emergiram durante as entrevistas individuais, realizadas ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, podem ser compreendidas como emergentes de substratos afetivo-emocionais não conscientes. Neste contexto de teorização, constituído por uma perspectiva concreta, estamos, como se vê, distantes de uma visão do inconsciente recalcado freudiano, para conceber aquilo que não é consciente num registro pré-reflexivo, que não ocorre exclusivamente na interioridade individual, mas “entre” indivíduos e grupos.

Apresentamos, a seguir, as definições dos dois campos de sentido afetivo-emocional aqui “criados/encontrados”. Chamamos a atenção para o fato de que, no atendimento às exigências do método, tal como o operacionalizamos aqui, cada campo demanda uma definição minimalista, mediante a qual seja possível precisar as regras lógico-emocionais, crenças ou percepções que se encontram na base das condutas imaginativas em estudo.

Seres Problemáticos

Definimos o campo denominado “Seres Problemáticos” como aquele que se organiza ao redor da crença de que os adolescentes dos dias de hoje são pessoas que causam problemas para si mesmos e para pessoas que os cercam, em virtude do modo como se comportam.

Seres Negados

Definimos o campo denominado “Seres Negados” como aquele que se organiza ao redor da crença de que os adolescentes não existem, de fato, como coletivo social passível de ser identificado.

Capítulo 5**INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS**

Travelling life

*é como se fosse uma guerra
onde o mau cabrito briga
e o bom cabrito não berra*

*é como se fosse uma terra
estrangeira até para ela
como se fosse uma tela
onde cada filme que passa
toda a imagem congela*

*é como se fosse a fera
que a cada dia que roda e rola
mais e mais se revela*

(Paulo Leminski)

Os campos de sentido afetivo-emocional, que pudemos criar/encontrar a partir do conjunto das narrativas transferenciais e dos desenhos-estórias, descortinam a visão de um imaginário de idosos sobre adolescentes que pode ser pensado como território dividido em duas diferentes zonas. A primeira delas, o campo dos “Seres Problemáticos”, apresenta-se como um substrato a partir do qual emergiu um maior e mais expressivo conjunto de manifestações. A segunda zona, o campo dos “Seres Negados”, coloca em questão não exatamente a existência concreta de indivíduos com idade variando, aproximadamente, entre doze e vinte, mas a possibilidade de serem concebidos como um coletivo social identificável. Como veremos, os dois campos indicam a vigência de uma postura fundamentalmente preconceituosa dos participantes contra os adolescentes.

5.1. Adolescentes como Seres Problemáticos

Constatamos uma convergência segundo a qual os participantes desta pesquisa tendem a considerar que os adolescentes seriam pessoas problemáticas, que tanto podem se prejudicar como prejudicar aos demais. Contudo, conseguimos distinguir diferentes visões sobre os motivos pelos quais a adolescência se configuraria nestes termos. Tais motivos, por seu turno, ora colocam o adolescente como vítima, ora colocam-no como responsável e culpado pelo que acontece.

Assim, percebemos que algumas manifestações expressam uma perspectiva segundo a qual os adolescentes dos dias de hoje seriam problemáticos porque não foram bem cuidados ou bem educados. Nesta linha, seriam vítimas de abandono, porque aqueles, a quem caberia responsabilidade por sua proteção e preparo para a vida adulta, teriam falhado. Aí, os pontos de vista podem variar, dependendo daqueles que culpam pelo fracasso: a mãe e/ou o pai, e/ou a família, e/ou o governo e/ou a sociedade.

Vale destacar que os idosos, que estão provavelmente mais identificados com os avós do que com os pais dos adolescentes, algumas vezes consideram que a origem do problema é familiar, doméstica, desconsiderando ou minimizando as condições da vida social contemporânea. Provavelmente a mãe não teria sido tão carinhosa, provavelmente o pai não foi suficientemente presente e capaz de “colocar limites”.

Seguem aqui algumas comunicações dos participantes, que emergiram a partir do campo “Seres Problemáticos”, considerando-os vítimas de falhas alheias, à guisa de ilustração:

A mãe soltou filho hoje e não consegue mais educar, né? Porque, da história minha, no meu pensamento, a mãe tinha que acompanhar mais o filho, né? Ela deixou pra conviver com as amigas e os filhos na rua. Se as mães acompanhassem mais os filhos, seria melhor. Não levam mais os filhos na igreja. Se a mãe não vai na igreja, o filho também não vai. Na minha época, andava cinco quilômetros a pé pra assistir uma missa no domingo. (Seu Chico)

O adolescente dos dias de hoje tem falta de pai, mãe, carinho, dinheiro (...) Há muito desinteresse dos pais na vida dos filhos, com a escola também. (Dona Marisa)

Atribuir culpa aos pais, que pertencem, vale lembrar, à geração dos filhos dos nossos participantes, é uma crítica que merece atenção, porque certamente significa uma reprovação a métodos educacionais e/ou estilos de vida daqueles que hoje tem filhos adolescentes. A busca de realização profissional da mulher, que não permanece exclusivamente no espaço doméstico, ou formas de educar mais próximas e mais brandas, assumidas pelo pai, podem ser pensadas como questões relevantes:

A sociedade diz estar preocupada, mas não atua (...) No Brasil, eles ficam em instituições que não funcionam, são de quinta categoria! (...) Pessoa que cresce sem família é difícil não ser um problema. Sem família, educadores, os pais precisam saber o que querem da vida, pensar antes de ter filhos, não são gatinhos ou cachorros. (Seu Tom)

Interessante notar a força desta comparação dos filhos com animais de estimação, que expressa uma clara crítica tanto ao estilo de vida dos pais, que parece não incluir, no entender do participante, uma visão clara acerca das responsabilidades inerentes à parentalidade.

Se o ambiente oferecesse melhores condições, os jovens seriam menos problemáticos. A escola e a família precisariam atuar mais. (Seu Tom)

De todo o modo, o que parece circular, neste imaginário, é a visão de que a boa e velha divisão de trabalho entre marido e mulher, na família nuclear, pode estar na origem da juventude problemática.

Dizem que o pai e a mãe são culpados, talvez sim, talvez não, né? Porque antigamente não levantávamos a voz para pai e mãe de maneira nenhuma, senão apanhava e ficava de castigo. Agora, não, quem mata, quem bate, quem estupra é os adolescentes. Os pais são culpados? Mãe é culpada? Uns sim, não ligam, mas outros sofrem e não conseguem por eles no lugar deles. (Dona Elis)

As mães tinham que cuidar dos filhos e dar atenção e os pais tinham o dever de trabalhar, colocar comida na casa e disciplina. (Seu Chico)

A nosso ver, este imaginário conservador mantém forte afinidade com textos psicanalíticos, muitos deles de autoria de Winnicott (1963, 1965, 1968, 1986, 1997, 2005) escritos a partir da consideração de que a saúde mental seria conquistada a partir do bom funcionamento da família tradicional na qual caberia ao homem cuidar das condições materiais que trariam tranquilidade à mulher para educar os filhos.

Entretanto, cabe também lembrar que, neste particular, o psicanalista inglês segue aquilo que o próprio freudismo já estabelecera, desde seus primórdios, ao considerar que a saudável elaboração do complexo de Édipo seria essencial para a superação da neurose (Laplanche & Pontalis, 1967). De todo o modo, ainda que não tenhamos condições de aprofundar, neste momento, a uma discussão satisfatória ao que assistimos hoje no campo psicanalítico, ressaltamos que há debates muito interessantes que reconhecem que a naturalização de um particular modelo de família tem fundo ideológico e merece ser seriamente criticada.

No momento, parece-nos oportuno notar que essa visão da adolescência problemática, como efeito de falhas parentais, origina demandas à clínica psicológica. Como sabemos, o psicólogo acaba sendo frequentemente buscado, em clínicas psicológicas universitárias e em consultórios particulares, por famílias que tomam essa iniciativa por si mesmas ou a pedido da escola, para atender adolescentes que apresentam problemas emocionais mais ou menos graves. Assim, o psicólogo, como integrante de equipes de saúde mental, pode ser buscado por profissionais de saúde ou pelo poder judiciário, para cuidar de jovens que apresentam comportamentos antissociais e/ou são usuários de drogas. Atuando em abrigos, os psicólogos acolhem demandas diretas de adolescentes e de seus cuidadores. De todo o modo, prevalece certa tendência ao que podemos denominar de psicologização do problema que se baseia, em última instância, na desconsideração das condições concretas de vida. Neste âmbito, a noção de resiliência muitas vezes é usada de modo infeliz, servindo para minorar a importância da vida social e para atribuir aos pais a culpa total e exclusiva pelas dificuldades e sofrimentos de seus filhos.

Outras manifestações imaginativas adotam caminhos diferentes na busca dos responsáveis pela adolescência como fase problemática de vida. Nestas, os problemas dos pais podem ser vistos e apontados, mas são situados no contexto da vida social mais ampla, criticada de modo mais abrangente, bem como no governo, que pecaria por não implementar políticas públicas satisfatórias.

Os seguintes exemplos podem ser ilustrativos desta perspectiva:

No Chile, está melhor que aqui! O governo usou os meios que tinham para educar a nação: o governo e a família. Pessoa que cresce sem família é difícil não ser problema. Sem família, educadores... (Seu Tom)

Os tempos modernos ajudam nisso. Tudo para vender, não deveria ter arma para vender, drogas; nosso mundo, nosso Brasil não seria assim. Se você não tem uma coisa pra comprar, não compra se não tiver pra vender! Os próprios lugares que plantam teriam que ver isso. É como uma criança pegando fogo, se não apagar o fogo, ela não para de queimar! Por que os “grandões” permitem isso? Por que não plantam um arroz e um feijão no lugar disso? (Dona Elis)

Pensamos que vale a pena apreciar um dos desenhos elaborados no contexto da presente pesquisa:



Entre as manifestações que emergiram do campo “Seres Problemáticos”, colocando os adolescentes como vítimas de outros agentes, que não cumpriram com suas responsabilidades – desde pais até o governo e a sociedade – encontramos uma visão conservadora que atribui as dificuldades não apenas à falta de limites ou de disciplina, mas, mais precisamente, ao ócio, ao fato dos adolescentes não trabalharem:

Quando vemos a sociedade de primeiro mundo, por exemplo, fiz estágio na Alemanha e fiquei impressionado de ver os colégios técnicos de lá. Aqui temos escolas boas. Eles pegam crianças pequenininhas e ensinam coisas sobre eletricidade, coisas que no Brasil seria uma boa saída. (Seu Tom)

Outra lei errada é não poder trabalhar! Uma vez fomos multados porque uns meninos vendiam sorvete pra gente! O policial disse que não podia e nem explicou o motivo. Depois, os meninos foram roubar o estabelecimento e os policiais falaram quem não podia prender! Daí eu falei que roubar pode, trabalhar não! Tá certo isso? Num pode tá, né... (Dona Elis)

Aqui, o trabalho aparece, também, como sendo um fator disciplinador muito importante. Parece haver um imaginário constituído pela ideia de que apenas os jovens que trabalham não serão um problema para a sociedade. Percebemos que quando o adolescente não usa drogas, estuda, trabalha e parece ter uma vida produtiva, ele nem ao menos é considerado como um adolescente – questão que está no cerne, como veremos, do campo “Seres Negados”, que discutiremos mais abaixo. Os colégios técnicos são citados como uma solução possível para que os jovens não sejam um problema para a família e para a sociedade. Algumas leis de proteção da criança e do adolescente (ECA) são criticadas, pois não parece ser lógico que um adolescente possa roubar e não ser preso, mas não possa trabalhar e ter seu próprio dinheiro. Pensamos que neste imaginário, o trabalho é visto como uma atividade necessária não apenas pelo retorno financeiro, mas sim pela ideia de que os jovens precisariam estar o tempo todo ocupados para que não tenham mentes vazias e ociosas.

Essa visão suscita reflexões, na medida em que aparentemente questiona uma conquista histórica, que infelizmente está bastante longe de estar suficientemente espalhada pelo mundo, especialmente em regiões geopolíticas desfavorecidas, de permitir que a criança e, mais recentemente, o adolescente, possam se desenvolver sem serem explorados como mão de obra. Em termos concretos, muito precisa ser detalhado, quando se pensa em entabular tal discussão, pois, em nosso país, encontramos tanto o extremo do adolescente que não contribui minimamente nas tarefas domésticas até a prostituição adolescente, feminina e masculina. Então, quando alguém diz que é a favor do trabalho do adolescente, precisa especificar concretamente se está se referindo a lavar a louça do jantar a cada dois dias, a lavar a roupa de oito pessoas ou a levar para a casa dinheiro obtido na prostituição (Gomes, Minayo & Fontoura, 1999).

Felizmente encontramos trabalhos interessados em discutir o fenômeno do trabalho na adolescência e que parecem abordar diferentes faces deste tema. Vale destacar Silva (2011) que investigou o cotidiano de adolescentes pobres através de

relatos dos mesmos sobre o processo de entrada no mercado de trabalho e concluiu que a inserção profissional, se vista como uma forma de exercício da cidadania, não constituiu a garantia de proteção seus direitos dos adolescentes, embora os próprios jovens tenham considerado ser positivo o acompanhamento fornecido pela instituição que os capacitou e preparou para o mercado de trabalho. Outro estudo buscou analisar o modo como adolescentes trabalhadores do sexo masculino vivenciam a entrada no mercado de trabalho e qual os significados que atribuem às atividades empenhadas. Buscaram compreender, também, como as atividades laborais contribuíram para a construção de suas identidades. Os autores concluíram que a construção da identidade como trabalhador apresentou maior relevância em relação a outras identidades sociais, sendo associada por eles como maturidade e conquista de autonomia (Watarai & Romanelli, 2010). Outra interessante pesquisa focalizou os acidentes ocupacionais que ocorreram com trabalhadores adolescentes, tais como cortes, perfurações e queimaduras. Concluíram que tais acidentes podem ser vistos como formas de expressão da violência contra os jovens trabalhadores, que não tiveram acesso a ações estratégicas suficientes para sua redução e prevenção, configurando assim, um grave problema de Saúde Pública (Santos, Mauro, Brito & Machado, 2009).

Tais estudos nos alertam para a complexidade do fenômeno do trabalho na adolescência. Todavia, notamos que há, no imaginário coletivo dos participantes, uma antiga crença de *“cabeça vazia, oficina do diabo”*.

De todo o modo, é interessante lembrar que a ideia de que o trabalho salva o adolescente, provavelmente enraíza-se numa visão pessimista da pessoa humana, fundamentalmente oposta aos pressupostos rousseauianos. Claro que esta questão é muito complexa e não poderá ser suficientemente explorada no contexto da presente discussão. Contudo parece oportuno aqui lembrar, ainda que de passagem, as colocações de Mitchell (1988), quando critica a metapsicologia clássica e afirma que se fundamenta numa concepção do homem como besta perigosa, basicamente guiada pela busca de satisfação de impulsos agressivos e sexuais. Este ser só sobreviveria na medida em que tais impulsos pudessem ser reprimidos e sublimados (Laplanche & Pontalis, 1967). Desta feita, o trabalho, como atividade distintivamente humana, cuja base seria sublimatória, poderia ser invocado, de modo abstrato, como a grande arma contra uma bestialidade fundamental. Assim, cremos ser acertado

identificar uma raiz moralista e conservadora neste tipo de visão, na qual se mescla a atribuição de culpa não só aos pais, mas também à sociedade civil, que facilitaria o ócio adolescente, herdeiro, claro está, do ócio infantil.

Se até aqui focalizamos, no contexto do campo “Seres Problemáticos”, segundo uma vertente que vê os adolescentes como vítimas de falta de cuidado e educação, cabe, neste momento, focalizar outro tipo de perspectiva, emergente deste mesmo campo, segundo a qual os jovens seriam essencialmente dotados de características negativas, como seres nefastos. Nesta perspectiva, os adolescentes dos dias de hoje surgem como feios, barbudos, desleixados, tatuados, mal arrumados, bêbados, briguentos e agressivos. No mundo atual, seriam assassinos, estupradores e seres capazes de atos violentos dos mais diversos tipos, amedrontando a sociedade:

Exemplificamos a partir das produções:

(...) é raro vê-los sóbrios, muitos já saem embriagados ou drogados, parecem desencantados. Saem em turmas mas, muitas vezes não para se divertir e sim bagunçar(...) (Dona Rita)

Foi um desenho muito bonito não! Acho que os adolescentes de hoje estão parecendo mais idosos do que adolescentes. Porque eles se vestem de uma maneira que não dá para entender, tatuagens, trajes rasgados, antigamente só os mais velhos faziam isso. Antigamente existiam fazendeiros ruins que matavam, hoje são os adolescentes que fazem isso... (Dona Elis)



Como vemos, características absolutamente negativas são, aqui, atribuídas aos adolescentes. Entretanto, o mais importante a notar, é o fato de serem

consideradas como aspectos primários e essenciais, e não como derivados da constelação de causas familiares ou sociais.

O fato de coexistirem no mesmo campo “Seres Problemáticos”, perspectivas segundo as quais os adolescentes problemáticos seriam vítimas ou culpados pelos problemas que causam, pelo que sofrem e fazem sofrer, merece nossa atenção. Em ambos os casos prevalecem visões preconceituosas que, como sabemos, sempre comportam o que Heller (1985) denomina *ultrageralização* da vida cotidiana e construção de *juízos provisórios* acerca de diversos assuntos. Compreende-se, assim, que, sendo este um campo subjacente a condutas preconceituosas, nele fiquem suspensas percepções e reflexões sobre o que é singular, que são substituídas por generalizações alienadas (Heller, 1985).

Entretanto, temos a impressão de que uma reflexão mais acurada permite a detecção de uma importante diferença entre produções imaginativas que colocam o adolescente como vítima e aqueles que o tomam como ser essencial e imotivadamente nefasto. No primeiro caso, persiste uma ideia de possibilidade de resolução do problema – pela via de atos humanos. No segundo caso, predomina uma visão fatalista que, em sua raiz, só pode aceitar o extermínio como saída. Ora, ainda que simbólico, todo extermínio é violência radical.

Encontramos traços de fatalismo em situações que se definem pelo fato de outras figuras sociais serem alvo do preconceito. Se considerarmos, por exemplo, do racismo, principalmente em nosso país, não será difícil lembrar que algumas pessoas desconfiam dos negros porque os veem como seres intrinsecamente malévolos, enquanto outros dizem que são mesmo perigosos, mas porque, vítimas de uma sociedade, mantêm ignorantes, grosseiros e violentos. Podemos, assim, compreender porque quando negros ascendem socialmente, defrontam-se tanto com reações menos discriminatórias – na medida em que se tornam uma espécie de “negro branco” – como outras, que expressam um ódio ainda maior porque o afro descendente não está situação nas camadas mais subalternas da população, que seria seu “verdadeiro” lugar (Aiello-Fernandes, 2013).

Ora, esta variabilidade entre conceber o adolescente problemático como vítima ou como culpado apresenta, contudo, feições próprias, na medida em que instala sobre a condição etária do indivíduo. Afinal, normalmente os negros, como as mulheres ou os judeus, não deixam de sê-lo pela mera passagem do tempo.

Exterminá-los completamente exige, no limite, o assassinato. Ora, o adolescente, se sobreviver, entrará naturalmente na vida adulta – que, como sabemos, será muito diversa segundo as condições concretas nas quais estiver inserido. Lembramos aqui a *blague*, que consideramos infeliz, encontrada inclusive sob a pena de Winnicott (2005):

De fato, existe somente uma cura real para a adolescência: o amadurecimento. Isso e a passagem do tempo resultam, no final, no surgimento da pessoa adulta (Winnicott, 2005, p.163).

Certamente, muitos consideram este um gracejo inocente. Entretanto, a aproximação entre os termos “cura” e “adolescência” não pode deixar, a nosso ver, de ser considerada como uma manifestação preconceituosa, possivelmente indicadora de dificuldades nas relações intergeracionais. De todo o modo, é importante lembrar que uma tendência a considerar a adolescência como um estado temporariamente patológico é muito comum entre psicanalistas, que adotam um esquema explicativo baseado num conflito interno entre o desejo de se tornar autônomo e o desejo de permanecer numa posição infantilizada e próxima dos pais protetores da infância (Aberastury & Knobel, 1981). Claro que este esquema pode se tornar mais ou menos abstrato conforme sejam mais ou menos consideradas as condições concretas de vida socialmente vigentes.

5.2. Adolescentes como Seres Negados

Como acabamos de ver, condutas preconceituosas, mais ou menos radicais, emergem visivelmente a partir do campo “Seres Problemáticos”. A situação pode parecer diversa à primeira vista, quando consideramos o segundo campo de sentido afetivo-emocional da presente pesquisa, como o denominado “Seres Negados”, que definimos como um campo que se organiza ao redor da crença os adolescentes não existem, de fato, como coletivo social passível de ser identificado. Contudo, como veremos, este movimento de negação ou invisibilização do adolescente deve, também, ser considerado como preconceituoso.

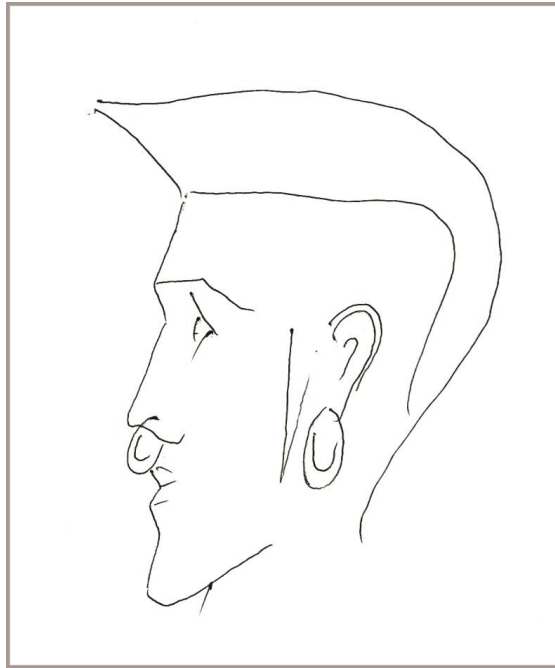
Evidentemente, quando produzimos interpretativamente este segundo campo, não nos referimos à negação da existência concreta de indivíduos com idade cronológica variando, aproximadamente, entre doze e vinte anos, um pouco menos ou um pouco mais. Na verdade, o que aqui constatamos, por meio da nossa interpretação, é a negação de que as pessoas desta faixa etária sejam consideradas como um grupo que compartilha certas condições comuns de vida, ou, para expressarmos em termos mais próximos à psicologia concreta da conduta, que compartilha uma dramática singular de vida que se articula, inescapavelmente, aos contextos sociais, econômicos, culturais e geopolíticos em que esta tem lugar.

Encontramos dois tipos de manifestações de conduta como emergentes deste campo. Uma delas consiste em considerar o adolescente como uma “criança grande”, um tanto tola, fútil e incapaz de usufruir das vantagens de quem não precisa enfrentar as responsabilidades da vida adulta, inclusive o trabalho. A produção que apresentamos a seguir emerge, claramente, neste campo, segundo esta forma de negação que confunde o adolescente com a criança. Não se trata, é certo, de uma criança concreta, mas idealizada. A seguinte produção, desenho e história produzidos pelo mesmo participante, ilustram este fenômeno:

É tão bonito quando vemos vários adolescentes divertindo uma diversão sadia daquelas que nem vê a hora passar.” (Dona Rita)



Uma segunda conduta de negação do adolescente, que emerge nesse mesmo campo, ocorre por meio de um movimento que o torna abstrato, quase invisível, como um ser de passagem, que ainda não é:



Começo de reencontro entre o índio e a sociedade, que se diz, pretensiosamente, civilizada. (Seu Caetano)

É bastante interessante notar como, lendo esta história, percorremos, numa velocidade incrível, a passagem de uma infância concebida como estado maximamente próximo à mãe-natureza para chegar instantaneamente ao homem civilizado, um ser pretensioso. O uso desta palavra é instigante, na medida em que remete não só à ambição, no caso infundada e desmedida, mas também a fingimento, a falsidade ou à falta de sinceridade, se lembrarmos do significado do termo em inglês⁷. A sociedade finge ser civilizada, mas não é. Assim, o adolescente comparece, na história sucintamente narrada, como uma faísca, como um bólido ultraveloz pelo qual o índio-criança é arremessado e transformado no adulto de uma sociedade composta por hipócritas.

⁷ Pretend: Fingir, pretextar; fazer de conta(...) (Vallandro, 1993). Lembramos aqui da canção "The Great Pretender" do conjunto "The Platters", que em 1956, fez bastante sucesso nas rádios. Possivelmente, os participantes da pesquisa já ouviram tal canção e se familiarizam com o termo, mesmo não sendo fluentes em língua inglesa.

É curioso notar que quando os adolescentes do campo “Seres Negados” são menos vistos como pessoas concretas, e mais como um puro e abstrato movimento de transição da pureza natural para a condição deteriorada do adulto civilizado, encontramos-nos diante de um imaginário que segue, em linhas gerais, o pensamento rousseauiano. Segundo esta perspectiva o ser humano nasceria puro, mas se deterioraria conforme fosse entrando em contato com a sociedade. Em outros termos, uma inocência originária se perderia na medida em que o indivíduo se contaminaria pelas relações e instituições sociais (Paredes, 2006).

Este modo de ver o ser humano foi incisivamente criticado por Bleger (1963/1968), no contexto da discussão da visão de homem subjacente às teorias psicanalíticas, concretas ou metapsicológicas. O tema faz parte de considerações que agrupou sob o rótulo do “mito do homem natural”:

Se postula, em este tipo de concepción, la existência de um estado o esencia originaria del ser humano, que se há corrompido o distorcido por la influencia de la civilización; em pugna com lo socialmente adquirido, que constituye lo artificial, el estado natural del hombre es sustentado como lo genuíno o ideal. De aquí se há inferido em algumas oportunidades que el camino correcto es el de la “vuelta a la naturaleza”, el retorno al estado originario, natural, desechando o apartando todo lo culturalmente adquirido y condicionado em el ser humano (Bleger, 1963/1968, p.17)

A posição blegeriana nos parece bastante correta, na medida em que parte de um pressuposto que concebe o homem como um ser essencialmente social. Este, aliás, é um ponto fundamental de sua formulação crítica, realizada seguindo os passos de Politzer (1928). Deste modo, rejeita a hipótese de um ser naturalmente isolado e autocentrado, que apenas a muito custo se abriria para o relacionamento com os outros e para a realidade compartilhada. Esta visão é, aliás, fundamental no pensamento freudiano, valendo lembrar que é o problema para o qual a teoria da libido é apresentada como solução. Adotando pressupostos bastante diversos, que combinam uma visão fenomenológica do inconsciente com uma perspectiva marxista preocupada com a justiça social, Bleger (1963) considera que a própria personalidade individual seria um sofisticado produto do desenvolvimento das sociedades humanas. Assim, ao mesmo tempo em que, como psicólogo, descreve os processos de subjetivação como diferenciações no contexto de uma matriz dual originária, segundo uma perspectiva comum no pensamento psicanalítico britânico (Greenberg & Mitchell, 1994), preocupa-se em situar o processo de emergência da personalidade individual

como fenômeno humano cuja compreensão exige a não dissociação entre o psicológico e o social.

Assim, o pressuposto de que o *self* se constitui a partir de uma matriz de indiferenciação, no âmbito de um processo que se dá no seio da família que, por seu turno, existe em sociedade, leva diretamente à crítica das ideias rousseauianas, bem como de todas as visões que pretendam distinguir entre os planos individual e social como duas esferas ontológicas, essencialmente distintas e independentes. Toda a maldade, bem como toda a bondade humana, torna-se, portanto, na perspectiva blegeriana, produtos do desenvolvimento do homem enquanto ser social, sendo esta a sua única forma de existência.

De todo o modo, o comparecimento rápido e fugaz, mas inegavelmente marcante, da teoria do bom selvagem, no imaginário dos participantes, certamente é significativo. Destacamos que o nosso propósito na presente pesquisa não é o de julgar esta ou aquela produção imaginativa, como mais ou menos correta, uma vez que nosso objetivo consiste em identificá-las e em compreender interpretativamente os campos relacionais, de caráter afetivo-emocional, a partir dos quais emergem. Deste modo, cumpre apontar que encontramos, efetivamente, no contexto do campo “Seres Negados”, uma expressão que faz da adolescência uma passagem abstrata, bem como concepções que parecem corresponder a fantasias de caráter idílico e nostálgico. Entretanto, parece-nos importante destacar que quando algo existente é tornado abstrato estamos diante de um movimento que “desmaterializa” algo, vale dizer, que o combate, que o elimina. O movimento pode ser sutil, mas seus efeitos podem ser destrutivos.

Podemos apreciar bem a sutileza que caracteriza este campo apreciando uma produção que traz uma visão poética e quase mágica sobre o brincar infantil, que teria o dom de produzir a eternidade, ao estancar o fluir do tempo. Contudo, entramos nessa atmosfera logo depois de ler uma referência a comportamentos adolescentes de caráter delinquencial. Quase esquecemos a primeira parte da história, enlevados por um brincar onde, de fato, o adolescente se diluiu:

Os adolescentes nos dias de hoje pouco valor dão a liberdade. Para dar um passeio é raro vê-los sóbrios, muitos já saem embriagados ou drogados, parecem desencantados. Saem em turmas mas, muitas vezes não para se divertir e sim bagunçar. É tão bonito quando vemos vários adolescentes divertindo uma diversão sadia daquelas que nem vê a hora passar. (Dona Rita)

Podemos, portanto, concluir que as entrevistas, que realizamos com os participantes idosos da presente pesquisa, a partir das quais criamos/encontramos os dois campos de sentido afetivo-emocional, “Seres Problemáticos” e “Seres Negados” sustentam, em seu conjunto, uma visão preconceituosa sobre o adolescente, na medida em que *ultrageneraliza* (Heller, 1985) ao atribuir-lhes a qualidade de problemáticos. Poucas vezes, tais problemas são claramente descritos, como se houvesse um conhecimento tácito, entre entrevistado e entrevistadora, acerca do assunto tratado o que, evidentemente, indica uma fantasia de concordância, na base de algo como “sabemos sobre o que estamos falando”. Contudo, algumas vezes os problemas são enunciados claramente, como vimos. Nestes momentos surgem adjetivos que apontam para comportamentos antissociais, que envolvem agressão e uso de drogas: “briguentos”, “violentos”, “perigosos”, “embriagados”, “tatuados” e mal trajados. De todo o modo, lembrando que a experiência comum, vivida por aqueles que lidam com adolescentes, tais como educadores, certamente não sustenta nada diferente do fato de que alguns jovens, e não a maioria, apresentam distúrbios de conduta. A tendência antissocial pode, de fato, predominar como defesa psicológica na experiência de adolescentes, incidindo diferencialmente sobre aqueles que são vítimas de desigualdades sociais, de injustiça, humilhação e desamparo, que reinam na vida daqueles que pertencem às classes subalternas (Renault, 2004; 2006). Com suas esperanças de vida abaladas, tais jovens certamente podem vir a utilizar defesas antissociais, numa configuração que tem sido apreendida em pesquisas nas quais os próprios adolescentes comparecem na condição de participantes (Barcelos 2014; Montezi et al, 2013).

Caberia, neste momento, refletirmos sobre os motivos subjacentes ao fenômeno do preconceito de idosos sobre adolescentes que aqui constatamos? Seria um reflexo de uma atitude preconceituosa mais geral, predominante na sociedade, ou algo mais específico dos idosos? Haveria, por outro lado, certa mescla entre essas duas possibilidades, os idosos reverberando um preconceito difundido e generalizando, ao mesmo tempo em que, por motivos específicos, tomam o adolescente como alvo de sua hostilidade? Estariam incomodados com a juventude quando seu próprio tempo de vida se aproxima do término inevitável?

Neste momento vale a pena sermos prudentes. Afinal, se concordamos, com Bleger (1963) quando afirma que as condutas não são exteriorização de eventos

intrapésíquicos, e sim emergentes de campos relacionais, não faz sentido pensarmos nas condutas preconceituosas dos nossos participantes como algo que brota de suas interioridades pessoais. Assim, se quisermos investigar as motivações do preconceito dos idosos precisaremos investigar as condições concretas enfrentadas por aqueles que envelhecem em nossa sociedade.

Entretanto, cremos ter condições de encerrar as reflexões que aqui trouxemos, lembrando que segundo perspectivas psicanalíticas concretas, que tanto recusam conceitos reificados, como o de pulsão de morte, como consideram que o ser humano emerge, no seu modo atual de ser e viver, como produto de processos históricos, em âmbitos macrossociais e micro vinculares, cabe pensar que as condutas preconceituosas têm caráter sobretudo defensivo. Ou seja, surge aqui a ideia de que o preconceito não expressaria nenhuma forma de maldade essencial, mas surgiria em contextos sociais e relacionais de contornos específicos e peculiares. Esta visão, conforme Aiello-Vaisberg (1999), encontra-se presente nos fundamentos éticos do próprio método psicanalítico, quando postula que todas as condutas humanas, desde as mais estranhas e cruéis, até as mais generosas e solidárias, pertencem ao acontecer humano. Ou seja, emergem como atos humanos que se explicam humanamente e não pela ação de forças infra-humanas ou sobrenaturais. Nesta linha, não existem monstros, mas pessoas que podem agir de modo construtivo ou violento, saudável ou defensivo (Aiello-Vaisberg, 2005). Condutas violentas, inaceitáveis do ponto de vista ético, não seriam expressão direta de nenhuma forma endógena de maldade, mas movimentos de caráter defensivo. Esse posicionamento não nega, evidentemente, o caráter profundamente problemático da violência, entendendo inclusive que considerá-la como forma de defesa significa reconhecer sua profunda gravidade como problema humano.

Coerente com os fundamentos éticos do método psicanalítico, Bleger (1963) realizou um interessante trabalho sobre as condutas defensivas, articulando de modo criativo os pensamentos de dois importantes psicanalistas britânicos: Klein (1948; 1952) e Fairbairn (1940). Na perspectiva blegeriana, as condutas defensivas não atuam apenas quando o indivíduo pode ser diagnosticado como portador de transtorno psiquiátrico, mas se mantém continuamente operantes, permitindo a própria continuidade da vida, segundo a normalidade possível em contextos sociais que são, em si mesmos, problemáticos. Esta empreitada permitiu que distinguisse

variados tipos de condutas defensivas: paranoides, depressivas, ritualistas, teatrais, entre outras. Num segundo passo, entretanto, demonstrou que esta variedade fenomênica, segundo a qual se realizam as defesas, repousa sobre uma base dissociativa comum, a partir das quais se firmam como “técnicas” diferenciadas entre si.

Se considerarmos os campos de sentido afetivo-emocional, produzidos na presente pesquisa, “Seres Problemáticos” e “Seres Negados”, à luz destas contribuições blegerianas, identificaremos que o primeiro campo se articula a dois tipos predominantes de defesas, as defesas paranoides e as defesas ritualistas, enquanto o segundo campo converge com defesas esquizoides.

No âmbito do campo de sentido afetivo-emocional “Seres Problemáticos”, as defesas paranoides, consistem em organizar a vida segundo a distinção entre seres malévolos e benéficos, que provocam ímpetos de ódio ou amor, extermínio ou adoração. Os seres são vistos, neste contexto, como essencialmente bons ou maus, ou seja, considera-se que a bondade ou a maldade correspondam à sua própria natureza, que seria, portanto, imutável. As defesas paranoides são, do ponto de vista do amadurecimento emocional, as mais radicais e primitivas, correspondendo posicionamentos psicóticos, que na perspectiva da escola britânica, podem e são efetivamente assumidos, momentaneamente, por indivíduos psicologicamente saudáveis, enquanto predominam, de modo mais duradouro e permanente entre pessoas que podem ser diagnosticadas como psicóticas. Sob a regência de defesas paranoides, o preconceito assume feições extremistas, clamando pelo extermínio do seu alvo. Tal extermínio pode se dar de modo direto, por meio de atos de assassinato real, ou de modo indireto, pela via de outros tipos de destruição, por meio da qual indivíduos e grupos podem ter sua vida biológica poupada enquanto são condenados à humilhação e injustiça que chega ao ponto de ataque à própria cultura. Já citamos, neste trabalho, a pesquisa de Tardivo (2007), que trabalhou com jovens indígenas cuja cultura vem sendo destruída, ao longo dos séculos, a partir do contato de seus povos com o homem branco.

Ainda no contexto deste mesmo campo dos “Seres Problemáticos”, podemos identificar a ação de defesas ritualistas. Estas, por seu turno, embora dividam a realidade entre seres benéficos e maléficos, como as defesas paranoides, contém um novo elemento: admitem a possibilidade de controlar e dominar aquilo que derivaria

da maldade. Nesta linha, os seres bons podem ser alvo de amor, cuidado e admiração, enquanto os seres maus merecem ser controlados, domados, submetidos ao “bem”. Muito do que tem sido realizado, em nosso mundo, como iniciativas religiosas, de caráter missionário, como prática educacional, como abertura para aprimoramentos culturais, é feito segundo tal lógica. Trata-se de “fazer o bem”, tendo em vista despojar o outros de suas características originais para alçá-lo a uma condição que se aproxima do que se considera superior. Distingue-se, portanto, facilmente, que cabe, neste contexto, uma retórica de prática do bem, definido, evidentemente, por aquele que teria poder para se impor.

Por outro lado, esta mesma estrutura de conduta está também na base de ações que podem ter caráter verdadeiramente transformador da realidade. Nesta linha, reconhecer a condição de vulnerabilidade de crianças e jovens em relação aos adultos, bem como admitir que “algo deve ser feito”, pode se configurar de modo mais ético, quando se expressa como movimento de caráter respeitoso e solidário que, segundo Bleger (1963), não deixa de derivar da estrutura de conduta ritualista ou obsessiva. Uma expressão mais construtiva e solidária, por seu turno, não depende da bondade interior dos indivíduos, mas do desenvolvimento ético da própria sociedade, constituindo-se como um processo que se dá na história.

Não parece difícil perceber que as diferentes atitudes, dos participantes desta pesquisa, cujas produções emergiram, como vimos, predominantemente no campo dos “Seres Problemáticos”, apresentam características paranoides e ritualistas.

Aquelas produções nas quais os adolescentes figuram como vítimas, tendem a se posicionar conforme as defesas ritualistas, buscando, a partir de suas críticas, mostrar como a maldade adolescente deriva de condições que devem ser transformadas: os pais, a família, o governo ou a sociedade. Pouco importa, aqui, considerar se são pessimistas ou realistas quanto à viabilidade de tal transformação, pois o fundamental, a nosso ver, é sua concepção de que mudanças são ou teriam sido possíveis.

Por outro lado, as produções nas quais os adolescentes figuram como culpados, na medida em que seriam seres em si mesmos nefastos, tendem a se posicionar conforme defesas paranoides. Estes jovens devem ser exterminados, na medida em que a maldade lhes é intrínseca. Do ponto de vista lógico, o assassinato seria a solução, um assassinato que tanto pode ser perpetrado apenas

simbolicamente – lembremos aqui o gracejo infeliz quanto à inexorável passagem do tempo que põe fim à adolescência, como pode ser concreto – apontamos aqui as estatísticas de homicídios na adolescência que representam 45% das mortes no Brasil, sendo as principais vítimas, meninos negros e pobres (Unicef, 2012). Evidentemente, tais mortes podem ter sido creditadas aos próprios adolescentes, vistos como seres onipotentes e autodestrutivos, mas outras interpretações nos parecem mais cabíveis.

O campo de sentido afetivo-emocional “Seres Negados” associa-se, a nosso ver, com a estrutura de conduta esquizoide, que se define pelo distanciamento, com supervalorização das relações intelectualizadas, racionalizadas e “frias”. A nosso ver, um imaginário no qual o adolescente se torna abstrato, para ser substituído por uma teorização filosofante expressa um movimento de afastamento importante. Se esta reflexão estiver correta, chegamos, ao final, a perceber, com muita clareza, que também aqui existe uma visão negativa e preconceituosa contra o adolescente

Finalmente, não vamos deixar de esclarecer que, ao recorrer a tais formulações blegerianas, sobre condutas defensivas, para desenvolver uma reflexão sobre o que nossa pesquisa constata, vale dizer, a existência de um imaginário preconceituoso, signifique uma psicologização do problema. Na verdade, o que aqui realizamos corresponde tão somente à tentativa de descrever, compreender e teorizar como o fenômeno do preconceito contra adolescentes se realiza desde a perspectiva específica da experiência psicológica dos nossos participantes. Nossa iniciativa visa contribuir, na sua especificidade, com um processo de produção de conhecimento sobre o preconceito que demanda a concorrência de todas as ciências humanas. Nosso intuito é mostrar como o preconceito é vivido por indivíduos e grupos, bem como quais seriam as regras lógico-emocionais segundo as quais se organizam as condutas imaginativas. Se este conhecimento não esgota o problema, certamente não pode ser dispensado quando se pretende solucionar o preconceito contra o adolescente e favorecer o estabelecimento de relações intergeracionais mais construtivas, solidárias e éticas.

Considerações Finais

*Não fosse isso e era menos
Não fosse tanto e era quase*

(Paulo Leminski)

Diante das reflexões suscitadas, consideramos que os adolescentes sofrem preconceito e discriminação de modo às vezes explícito e, outras vezes, de modo velado. Os idosos, participantes da pesquisa, ora se manifestaram de forma pejorativa quando se refeririam ao adolescente dos dias de hoje, ou então, consideraram-nos como crianças tolas, ou como seres abstratos e quase invisíveis.

No momento, ao finalizar, parece-nos importante destacar que esta pesquisa, evidentemente limitada pelo seu aspecto preliminar e exploratório, gera, em virtude do material produzido, preocupações e inquietações: a falta de manifestações mais solidárias, respeitosas e pautadas por verdadeiro entusiasmo no que se refere à adolescência. Este quadro nos obriga a concluir que nossos participantes não apenas manifestaram-se preconceituosos, em relação aos adolescentes, como revelaram poucas menções de entusiasmo em relação a esta fase da vida.

Uma investigação realizada com um número pequeno de participantes é inconclusiva pela sua própria natureza qualitativa, não pretendendo generalizações nem a formulação de leis (Parker, 2006). Contudo, não deixa de produzir algum conhecimento. Cabe, assim, perguntar: afinal, o que esta pesquisa nos ensina como trabalho, que revela tanto a existência de preconceito como a ausência de menções mais positivas em relação aos jovens?

Aqui, parece-nos importante retomar o próprio conceito que norteou nossa investigação, vale dizer, o de imaginário coletivo. Como explicado, usamos o termo segundo a acepção precisa que pode ganhar no contexto do pensamento blegeriano, ou seja, como conduta. Nesta acepção, podemos admitir que o adjetivo que costumamos utilizar, para definir melhor o substantivo imaginário, torna esta expressão, de certo modo, pleonástica. Isso ocorre porque, concebendo o ser humano como essencialmente social, de modo a pensar os processos de subjetivação individual e os processos de constituição do *self* como produtos da vida coletiva e das

incontáveis interações entre indivíduos e coletivos, todo imaginário é, originariamente, fenômeno intrinsecamente intersubjetivo. Deste modo, o conceito de imaginário não se confunde com o das fantasias individuais, que brotariam na interioridade do indivíduo e que fazem sua entrada, no campo psicanalítico, para diferenciar o que, nas narrativas de pacientes histéricas, corresponderia a ocorrências verdadeiras de sedução e o que derivaria de seus desejos eróticos (Laplanche & Pontalis, 1967). O imaginário com o qual trabalhamos não é fenômeno da ordem do engano ou do auto-engano, mas processo de criação coletiva de sentidos, vale dizer, atividade humana, conduta, que gera ambientes humanos que, por seu turno, tornam-se campos a partir dos quais novas manifestações emergirão.

Não queremos negar a importância da atividade imaginativa das pessoas. Por outro lado, não subscrevemos, de modo algum, uma visão da interioridade psíquica como uma mônada fechada, no âmbito da qual brotariam as fantasias inconscientes. A bem da verdade, não acreditamos, na esfera da formulação da psicologia concreta da conduta, que existam fantasias individuais de um lado e imaginários coletivos de outro. O individual e o social são indissociáveis e o individual é produzido socialmente. Nesta linha, será apenas uma definição do interesse momentâneo, aquilo que nos colocará diante de uma consideração mais individualizante da produção imaginativa, como fazemos, por exemplo, no contexto do atendimento psicoterapêutico.

O que nossa pesquisa mostra corresponde, portanto, ao que poderíamos denominar como uma zona do espaço social em que vivemos, que nos torna inquietos quando valorizamos as relações intergeracionais como produtoras potenciais de enriquecimento da vida humana, tanto pela via da transmissão da experiência, que deve comportar o reconhecimento do que é valioso como a crítica ao que conspira contra uma realização pautada em valores de respeito à vida humana.

Ora, quando transitamos por terrenos imaginativos organizados segundo o preconceito contra os adolescentes, estamos, de fato, como sociedade, interferindo na constituição do futuro. Sendo a realidade contraditória, não deixamos de perceber que quando o preconceito apresenta o adolescente como vítima, existe um germe de admissão da possibilidade de mudança das condições concretas de vida, ainda que com o risco de abafamento da criatividade da nova geração por meio da imposição de um “bem” definido pelas gerações mais velhas, que, deste modo, o imporiam, exigindo do jovem mera submissão.

Por outro lado, quando os adolescentes são vistos como intrinsecamente negativos, ou mesmo quando nem chegam a ser vistos, a experiência de relação intergeracional se dá em campo de caráter fatalista: nada cabe fazer, nem sequer tentar submeter uma geração mais nova já “perdida”.

Se as opções que nossa investigação descortina limitam-se à tentativa de submissão do jovem ou à desistência fatalista de ajudá-lo a se constituir como adulto, estamos diante de um problema sério. A desistência compromete a busca ativa, das gerações mais velhas, de constituição de ambientes suficientemente bons, cujo caráter seria fundamentalmente sustentador do acontecer adolescente. O caminho da busca pela submissão dos adolescentes, por vias disciplinadoras, conspira fortemente contra, um aspecto essencial da vida humana, na perspectiva winnicottiana: a exigência constitutiva de se sentir vivo, real e capaz de gestualidade transformadora de si e do mundo em que vivemos. Este é um posicionamento existencial que se funda inicialmente nas experiências de onipotência (Aiello-Vaisberg, 2007), que se encontram na base do brincar: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Winnicott, 1975, p.80).

Um ambiente imaginativo fortemente pautado no preconceito, que gera desistência fatalista do jovem, ou aposta na tentativa de submetê-lo, que aqui constatamos, é uma fotografia, um instantâneo. Não corresponde a toda a realidade, mas focaliza um aspecto importante dela. Concluímos, assim, convidando todos aqueles que lidam diretamente com adolescentes, bem como toda a sociedade, pois estamos diante de um problema que é de todos, a um trabalho de reflexão e debate sobre como podemos criar ambientes humanos favoráveis ao amadurecimento dos jovens, tratando-os com afeto, respeito e solidariedade. Num ambiente suficientemente bom, a experiência brincante poderá acontecer, propiciando que a tradição – que será criativamente criticada – possa ser retomada e transformada, para que o futuro não aconteça apenas no relógio, mas como atualização de virtualidades humanas.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A.; Knobel, M.(1981). *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aiello-Fernandes, R. (2013) *Da Entrada de Serviço ao Elevador Social: Racismo e Sofrimento*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005). Os monstros, o método e o estabelecimento da capacidade ética. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrósio (Orgs.), *Cadernos Ser e Fazer: reflexões éticas na clínica contemporânea* (pp. 09-26). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J.(2007). Paradoxo e loucura: a radicalidade do pensamento psicopatológico de D.W.Winnicott. In: *Encontro Latino-Americano sobre o pensamento de D.W.Winnicott*, 17, São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R. & Beaune, D. (2009). Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In Daniel Beaune. (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. (1ª ed., Vol. 1, pp. 39-52), Paris: L'Harmattan.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Ambrosio, F. F. (2013). Rabiscando Desenhos-Estórias com Tema: pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos. In: Walter Trinca. (Org.). *Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões*. 1ª ed. São Paulo: Vetor. 1, 277-302.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. e Machado, M.C.L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. In *Anais do Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*, 4. São Paulo, Estados Gerais da Psicanálise.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. e Machado, M.C.L. (2008). Pesquisas psicanalíticas de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In Monzani, J. & Monzani, L.R. (Orgs.), *Olhar: Fábio Herrmann, uma viagem psicanalítica*, 311-324. São Carlos: Editora Pedro e João Editores.
- Ambrosio, F.F. (2013) *O estilo clínico Ser e Fazer na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Anjos, D. M. C., Araújo, I. L., Barros, V. M., Pereira, D. A. G., & Pereira, D. S. (2012). Avaliação da capacidade funcional em idosos diabéticos. *Fisioterapia e*

- Pesquisa*, 19(1), 73-78. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-29502012000100014&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1809-29502012000100014.
- Arós, A. C. S. P. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11 (2), 3-17.
- Avila, C.F. (2008) *As gêmeas cantoras e o menino que sonhava jogar futebol: o imaginário de professores sobre inclusão escolar*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Ávila, C.F., Tachibana, M., & Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(39), 155-164. Recuperado em 11 de setembro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000100014&lng=pt&tlng=pt. 10.1590/S0103-863X2008000100014.
- Barcelos, T. F. (2014). *A História da Menina-Morta: (Des)esperança de adolescentes em situação de precariedade social*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Barreto, M.A.M. (2006) *Do vôo preciso: considerando o imaginário coletivo de adolescentes*. 196 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Barreto, M.A., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), 107-114. Recuperado em 11 de setembro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100015&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-71822007000100015
- Barreto, M.A., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, 16 (2), 310-329. Recuperado em 20 de setembro de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Barreto, M. A, M. ; Oliveira, G. C. ; Oliveira, R. G. ; Carneiro, S. G. (2013). O médico a partir do imaginário coletivo de últimos anistas de Medicina. *Cadernos UniFOA* (Impresso), v. 20, p. 47-52, 2013.
- Barros, J. P. P., & Colaço, V. F. R.. (2013). "Meu prazer agora é risco": sentidos sobre sexualidade entre jovens de um grupo sobre saúde. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25 (1), 59-80. Recuperado em 14 de julho de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000100005&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1984-02922013000100005.
- Barus-Michel, J. (2005). *Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência*. In Simpósio Internacional do adolescente, São Paulo: USP.

Recuperado em 1 de abril de 2009, de http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100018&lng=en&nrm=iso.

Bleger, J. (1968/1975). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires, Paidós. (original publicado em 1963).

Bleger, J. (1967) *Psicohigiene y Psicologia institucional*. Buenos Aires, Paidós

Bosi, E. (2005). *Memória e sociedade. Lembrança de velhos* (12a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Primeira edição 1979)

Botelho-Borges, A.A.; Barcelos, T.F. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Leal a si mesmo: um diálogo com o filme “Meu tio matou um cara”. *XI Jornada Apoiar Adolescência: Identidade e Sofrimento na Clínica Social*. São Paulo: Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. v.(1), 104-113.

Brasil. Conselho Nacional de Secretários de Saúde (2003). *Legislação do SUS / Conselho Nacional de Secretários de Saúde*.- Brasília : CONASS.

Brasil, TEM (Ministério do Trabalho e Emprego) (2007). Aspectos conceituais da vulnerabilidade social, Projeto de Qualificação Social para Atuação de Sujeitos ou Grupos Sociais na Negociação Coletiva e na Gestão de Políticas Públicas, Convênio MTE (ministério do trabalho e emprego) -DIEESE.

Brasil. Conselho Nacional do Idoso. Política Nacional do Idoso. *Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. Brasília: Conselho Nacional do Idoso, 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.

Brasil. Ministério da Previdência e Assistência Social. Política Nacional do Idoso. *Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996*. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, 1996. Regulamenta a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências.

Brasil. Política Nacional de Saúde do Idoso: *Portaria nº 1.395, de 10 de dezembro de 1999*. Brasília: Conselho Nacional do Idoso, 1999. Aprova a Política Nacional de Saúde do Idoso.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. *As cartas da promoção da Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. (Série: B. Textos Básicos em Saúde). Recuperado em 15 de maio de 2010, de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf.

Cabreira, J.C.; Pontes. M.L.S.; Tachibana, M.& Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2007a). O imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. Trabalho apresentado na *I Jornada de Psicanálise e Fenomenologia*, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado em 26/04/2013

<http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e-Fenomenologia.pdf>

- Cabreira, J.C.; Pontes, M.L.S.; Tachibana, M. & Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2007b). Ódio e discriminação contra “emos”: um estudo sobre o imaginário coletivo de adolescentes. *Jornada sobre a criança e o adolescente*. São Paulo: Universidade de São Paulo. serfazer.pcs.br. Disponível em: <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-Simposio-NPCR.pdf>. Acessado em 27 de setembro de 2013.
- Camargos, E. F., Souza, A. B., Nascimento, A. S., Morais-e-Silva, A. C., Quintas, J. L., Louzada, L. L. & Medeiros-Souza, P. (2012). Use of psychotropic medications by caregivers of elderly patients with dementia: is this a sign of caregiver burden? *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 70 (3), 169-174. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2012000300003&lng=en&tlng=en. 10.1590/S0004-282X2012000300003.
- Camargo, B. V.; Barbará, A., e Bertoldo, R. B. (2007). Concepção pragmática e científica dos adolescentes sobre a AIDS. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 277-284. Recuperado em 2 de julho de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200008&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-73722007000200008.
- Caminha N. O.; Freitas, L. V.; Lima, T. M.; Gomes, L. F. S., Herculano, M. M. Soares, D. A. K. C.(2012). Gestação na adolescência: descrição e análise da assistência recebida. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 33(3), 81-88. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000300011&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472012000300011>.
- Camps, C.I.C. de M. (2003). *A hora do beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Carvalho, C. S, Silva, E.R, Souza, S.J. e Salgado, R.G. (2012). Direitos sexuais de crianç s e adolescentes: avanç s e entraves. *Psicologia Clínica*, 24 (1), 69-88.
- Coelho, W. N. B.; Coelho, M. C. (2013). Música, raça e preconceito no ensino fundamental: notas iniciais sobre hierarquia da cor entre adolescentes. *Afro-Ásia* (48), 311-333. Recuperado em 2 de Julho de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000205912013000200009&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0002-05912013000200009
- Corbett, E. (2009). *Até que a morte nos separe e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de Psicologia sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

- Corbett, E. (2014). *“Contos sem fadas”*: Mães e filhos em situação de violência doméstica. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Cordeiro, A. F. M. e Buendgens, J. F. (2012). Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 45-54. Recuperado em 10 de outubro de 2014, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100005&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-85572012000100005.
- Costa, V. e Fernandes, S. C. S. (2012). O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 391-401.
- Coutinho, L. G.; Souza, S. N. e Oliveira, B. O. (2012). Encontros e desencontros entre adolescência e educação: relato de pesquisa-intervenção. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(2), 341-352. Recuperado em 28 de outubro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922012000200009&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1984-02922012000200009.
- Cunha, C.F. e Lima, N. La. (2012). Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4)798-811.
- Davanço, D.T.L (2012). *Um estudo sobre o imaginário coletivo de homicidas acerca de matar*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Denzin, N.K. & Lincoln, Y.S. (2005). *The Sage handbook of Qualitative Research*, Sage, London.
- Devereux, G. (1977). *De l'Ansiedad al método en las ciencias del comportamiento*. Mexico: Siglo XXI.
- Fairbairn, W. R. D. (1940/1980). *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Ferrigno, J. C. (2009). *O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Fernando, S. T. et al. (2012). Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*.
- Flasher, J. (1978). Adulthood. *Adolescence*, 13 (51), 517–523.
- França, L. H. F. P.; Silva, A. M T. B. e Barreto, M. S. L. (2010). Programas Intergeneracionais: Quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13 (3). Recuperado em 10 de abril

2014, de http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232010000300017&lng=pt&nrm=iso.

- Frosh, S. e Young, L. S. (2008) Psychoanalytic approaches to qualitative psychology, in Stainton Rogers, W & Willig, C (eds) *The SAGE handbook of qualitative methods in psychology*. London: Sage.
- Gallo-Belluzzo, S. R. (2011) *O imaginário de estudantes de psicologia sobre o primeiro atendimento clínico: um estudo psicanalítico*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Gallo-Belluzzo, S.R., Corbett, E., Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). The First Experience of Clinical Practice on Psychology Students' Imaginary. *Paideia*, 23 (56), 389-396.
- Goellner, M.B. (2013). *O imaginário coletivo de mães adolescentes sobre a maternidade*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Gomes, R.; Minayo, M.C.S. e Fontoura, H.A..(1999). A prostituição infantil sob a ótica da sociedade e da saúde. *Revista de Saúde Pública*, 33(2), 171-179. Recuperado em 29 de outubro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101999000200009&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0034-89101999000200009.
- Gonzaga, A. P. (2012). Anorexia: a failure in the work of melancholia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(3) 649-656.
- Gottlieb, A. (2009). Para onde foram os bebês? Em busca de uma antropologia de bebês (e seus cuidadores) *Psicologia USP*, São Paulo, julho/setembro, 2009, 20(3), 313-336
- Gottlieb, A. (2012). *Tudo começa em outra vida*. (M. Sobreira, Trad.) Unifesp, São Paulo, SP: Editora FAP.
- Goldani, A. M. (2010). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação e Sociedade*, 31 (111), 411-434. Recuperado em 23 de agosto, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200007&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0101-73302010000200007.
- Goldenberg, M. (2008). *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro, Record.
- Goldenberg, M. (2011). Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea*, 18 (9) 2, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, RJ.

- Goldenberg, M. (2012). Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. *Revista Caderno Espaço Feminino*, 25 (2). Universidade Federal de Uberlândia- Instituto de História, Uberlândia, MG.
- Goldmann, A. (1971). *Cinéma et Societé moderne - Le cinema de 1958 a 1968: Godard, Antonioni, Resnais, Robbe – Grillet*. Paris: Anthropos.
- Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 12 (2), 253-271.
- Granato, T. M. M., Corbett, E. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16 (1), 157-163.
- Greenberg, J. & Mitchell, S. (1994). *Relações Objetais na Teoria Psicanalítica*. (E. Oliveira Diehl, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Guedes, M. H. M., Guedes, H. M. & Almeida, M. E. F. (2011). Efeito da prática de trabalhos manuais sobre a autoimagem de idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14 (4), 731-742. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232011000400012&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1809-98232011000400012.
- Hagelskamp, C. e Hughes, D.L. (2014) Workplace Discrimination Predicting Racial/Ethnic Socialization Across African American, Latino, and Chinese Families. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology*, Washington, D.C., United States.
- Heller, A. (1985) *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Hermann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Hernandes, E. S. C. et al. (2012). Idosos com e sem plano de saúde e características socioepidemiológicas associadas. *Revista Saúde Pública*, 46 (6), São Paulo, SP.
- Inada, J.F. (2011). Felicidade e Mal-Estar na Civilização. *Revista Digital AdVerbum* 6 (1),74-88,2011.
- Jacinto, A. F., Aguiar, A. C. P. O., Franco, F. G. M., Ribeiro, M. I., e Citero, V. A. (2012). Estudo psicométrico da Escala de Avaliação de Demência e sua aplicabilidade em instituições de longa permanência no Brasil. *Einstein (São Paulo)*, 10 (3), 318-322. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082012000300011&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1679-45082012000300011.
- Kelagher , M.A., Ferdinand, A.S. e Paradies, Y. (2014) Experiencing racism in health care: the mental health impacts for Victorian Aboriginal communities. *Medical Journal*, 7;201 (1): 44-7.

- Klein, A. (2008). Adolescents without adolescence: Reflections on adolescents formation of subjectivity and their families in a Neoliberal context. *The Spanish Journal of Psychology*, 11 (2), 464-479.
- Klein, M. (1948). *Contributions to psychoanalysis*. Londres, Hogarth Press.
- Klein, M. (1952). *Developments in psychoanalysis*, Londres, Hogarth Press.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1967) *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa, Moraes Editora.
- LeFrançois, B.A. (2014) *Adulthood*. Encyclopedia of Critical Psychology. Springer, New York, 47-49.
- Leite, V. (2012) A sexualidade adolescente a partir de percepções de formuladores de políticas públicas: refletindo o ideário dos adolescentes sujeitos de direitos. *Psicologia Clínica*, 24 (1), 89-103.
- Leminski, P. (2014). *Toda Poesia*. Schwarcz, Companhia das Letras: São Paulo. (Original publicado em 2013)
- Leminski, P. (2004). *Catatau*. Travessa dos Editores (Original publicado em 1975)
- Leuty, V., Boger, J., Young, L., Hoey, e J, Mihailidis, A. (2013). Engaging older adults with dementia in creative occupations using artificially intelligent assistive technology. *Assistive Technology*, 25 (2), 72-9.
- Lieberman, A. (2014). Stephen A. Mitchell y el psicoanálisis rioplatense “clásico” (Bleger): algunas convergências. *Clínica e Investigación Relacional-CEIR-Revista Eletrônica de Psicoterapia*. 8(1), 51-60.
- Lopes, L. O. e Cachioni, M. (2012). Intervenções psicoeducacionais para cuidadores de idosos com demência: uma revisão sistemática. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 61 (4), 252-261. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852012000400009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0047-20852012000400009.
- Madureira, A. F. A. e Branco, A. M. C. U. A. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (1), 81-90. Recuperado em 2 de julho de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000100010&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-37722007000100010.
- Manna, R.E. (2013). *Rasbiscando Desenhos-Estórias com acompanhantes de idosos*. (Dissertação de Mestrado), Instituto de Psicologia, Usp, São Paulo.
- Martins, M. J. D. (2009). *Maus tratos entre adolescentes na escola*. Portugal: Editorial Novembro.

- Martins, P.C. R. (2007). *O amante competente e outros campos do imaginário coletivo de universitários sobre dificuldades sexuais masculinas*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Martins, P.C.R. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). Dificuldades sexuais masculinas e imaginário coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, 31 (2), 18-34.
- Mayer, K.H.; Garofalo, R., e Makadon, H.J. (2014). Promoting the successful development of sexual and gender minority youths. *American Journal of Public Health*, 104 (6), 976-81.
- Medeiros, C. (2009). *Girando o cata-vento: sofrimento e cuidado na psicanálise do ser e fazer*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, SP.
- Mitchell, S.A. (1988). *Relational Concepts in Psychoanalysis*. Cambridge, Harvard University Press.
- Minhoto, M. ; Ambrosio, F. F. ; Aiello-Vaisberg, T. M. J.(2006) . *Utilización del Procedimiento Dibujos-Cuentos con Tema en la Investigación del Imaginario de Adolescentes sobre Niños de la Calle*. In: XIII Congreso Latinoamericano de Rorschach y Metodos Proyectivos, 2006, Lima. Resúmenes y Trabajos del XIII Congreso Latinoamericano de Rorschach y Metodos Proyectivos. Lima: Pontifícia Universidad Católica del Perú.
- Moe, A., Hellzen, O., Ekker, K., Enmarker, I. (2013). Inner strength in relation to perceived physical and mental health among the oldest old people with chronic illness. *Aging Mental Health*, 17 (2), 189-96.
- Montezi, A. V. e Souza, V. L. T. (2013). Era uma vez um sexto ano: estudando imaginação adolescente no contexto escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17(1), 77-85. Recuperado em 27 de outubro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-5572013000100008&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-85572013000100008.
- Montezi, A. V.; Zia, K.P.; Tachibana, M. E Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16 (2), 299-305.
- Montezi, A. V.; Barcelos, T. F.; Ambrosio, F. F.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013) Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19, 74-88.
- Moura, B. V.; Cohn, A.; Pinto, R. M. F. (2012). Farmácia: a porta de entrada para o acesso a medicamentos para idosos residentes em Santos. *Saúde e Sociedade*, 21 (2). São Paulo, SP. Recuperado em 10 de outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000200013&lng=pt&nrm=isso.

- Murayama, Y., Ohba, H., Yasunaga, M., Nonaka, K., Takeuchi, R., Nishi, M., Sakuma, N., Uchida, H., Shinkai, S. e Fujiwara, Y. (2014). The effect of intergenerational programs on the mental health of elderly adults. *Aging Mental Health*, 10, 1-9.
- Nepomuceno, R. F. e Witter, G. P. (2010). Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 15-22. Recuperado em 27 de outubro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100002&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-85572010000100002.
- Nöstlinger C, Rojas Castro D, Platteau T, Dias S, Le Gall J. (2014). HIV-Related discrimination in European health care settings. *AIDS Patient Care STDS*, 28 (3), 155-61.
- Ogido, R. e Schor, N. (2012) A jovem mãe e o mercado de trabalho. *Saúde e Sociedade*, 21(4), 1044-1055.
- ONU(2002). Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento. Madri: PNUD SEMINERIO FL. Conflitos existenciais na terceira idade. *Arq. Bras. Psicol. Aplicada*: 1991, 43: 1-2.
- Paiva, F.S. e Ronzani, T.M. (2009). Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 14(1)177-183.
- Paredes, E.W.P. (2006). *A liberdade e a igualdade do homem, no estado natural e social, segundo Jean-Jacques Rousseau*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pariz, J. Mengarda, C. F. e Frizzo, G. B. (2012). A atenção e o cuidado à gravidez na adolescência nos âmbitos familiar, político e na sociedade: uma revisão da literatura . *Saúde e Sociedade*, 21(3) 623-636.
- Parker, I. Qualitative Research. (2006). In P. Banister et al, *Qualitative Methods in Psychology: A Research Guide*. London, Open University Press.
- Paula, C. C., Cabral, I. E. e Souza, I. E. O. (2011). O (não) dito da AIDS no cotidiano de transição da infância para a adolescência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64 (4), 658-664. Recuperado em 2 de julho de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000400005&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0034-71672011000400005.
- Penna, L. H. G.; Carinhanha, J.L.; Martins, V.V. e Fernandes, G.S. (2012). A maternidade no contexto de abrigamento: concepções das adolescentes abrigadas. *Revista de Escola de Enfermagem da USP*, 46(3)544-548.
- Pereira, B. O. (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: diagnóstico e programa de intervenção. In J.C. Souza Neto e M. L. B. P. Nascimento.

Infância, violência, instituição e políticas públicas (pp.43-51). São Paulo: Expressão e Arte.

- Pereira, S., Matos, M. G. e Leal, I. (2011). Iniquidade, Etnicidade e Educação Sexual. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 12(1), 77-90. Recuperado em 25 de agosto de 2014, de http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862011000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Peres, F. e Rosenburg, C. P. (1998). Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da Saúde Pública. *Saúde e Sociedade*, 7(1), 53-86. Recuperado em 29 de outubro de 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12901998000100004&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0104-12901998000100004.
- Pinheiro, J. S., Carvalho, M. F. C. e Luppi, G. (2013). Interação medicamentosa e a farmacoterapia de pacientes geriátricos com síndromes demenciais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16 (2), 303-314. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232013000200010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1809-98232013000200010.
- Politzer, G. (1928/2003). *Crítica de los fundamentos de la psicología*. Paris, PUF.
- Ponce, L.G.(2013). *Um olhar winnicottiano sobre o imaginário coletivo das mães sociais acerca do cuidado infantil na situação de abrigo*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Pontes, M. L. S., Cabrera, J. C., Ferreira, M. C., e Vaisberg, T. M. J. A.. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13 (3), 495-502. Recuperado em 11 de Setembro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000300010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-73722008000300010.
- Pontes, M. L. S., Barcelos, T. F., Tachibana, M., e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: teoria e prática*, 12 (1), 85-96. Recuperado em 11 de setembro de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Pontes, M. L. S. (2011). A hora H: o imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre adolescência. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Prata, A.; Barbosa-Ducharne, M.; Gonçalves, C.e Cruz, O. (2013). O impacto dos estilos educativos parentais e do desenvolvimento vocacional no rendimento escolar de adolescentes. *Análise Psicológica*, 31(3), 235-243. Recuperado em 27 de outubro de 2014, de

http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000300002&lng=pt&tlng=pt.

- Pratta, E. M. M. e Santos, M. A. (2007a). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 247-256.
- Pratta, E. M. M., e Santos, M. A. (2007b). Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17, 103-114.
- Rangel Júnior, É. B. e Loos, H.. (2011). Escola e desenvolvimento psicossocial segundo percepções de jovens com TDAH. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(50), 373-382. Recuperado em 27 de outubro de 2014 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000300010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-863X2011000300010.
- Renault, E. (2008). *Souffrances sociales*. Sociologie, psychologie et politique. Paris, La Découverte.
- Resende, T. F. (2006). Crianças e informação: papéis da família e da escola. *Educação & Realidade*, 31(2), 171-188.
- Ribeiro, A. C., Padoin, S. M. M., Paula, C.C. e Terra, M. G. (2013). O cotidiano do adolescente que tem HIV/AIDS: impessoalidade e disposição ao temor. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 22 (3), 680-686. Recuperado em 2 de julho de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000300014&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0104-07072013000300014.
- Russo, R. C. T., Couto, T. H. A. M., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). O imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre pessoas com deficiência. *Psicologia & Sociedade*, 21 (2), 250-255. Recuperado em 11 de setembro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200012&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-71822009000200012
- Salgado, F.S; Senra, L.X. e Lourenço, L.M. (2014) Effectiveness indicators of bullying intervention programs: A systematic review of the international literature. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31(2), 179-190. Recuperado em 27 de outubro de 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000200004&lng=en&tlng=en. 10.1590/0103-166X2014000200004.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, 22 (1), p. 33-41.
- Santos, M. E. A.; Mauro, M. Y. C.; Brito, C. G. e Machado, D. C. (2009). Trabalho precoce e acidentes ocupacionais na adolescência. *Escola Anna Nery*, 13(4), 824-832. Recuperado em 29 de outubro de 2014, em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000400019&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-81452009000400019.

Scalon, C., e Salata, A. (2012). Uma nova classe média no Brasil da última década?: o debate a partir da perspectiva sociológica. *Sociedade e Estado*, 27(2), 387-407. Recuperado em 1 de dezembro de 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000200009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-69922012000200009.

Schilling, F. e Miyashiro, S. G. (2008). Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade. *Educação e Pesquisa*, 34 (2), 243-254. Recuperado em 2 de julho de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000200003&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1517-97022008000200003.

Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário (P. Dentzien, trad., S. Miskolci e J. A. Simões, rev.). *Cadernos Pagu*, 28, 19-54.

Sifaou, B. (2014). Imagination at home. *Soins Gerontologie*, 105, 39-40.

Silva, C. M, Locks, A., Carcereri, D. L. e Silva, D. G. V. (2013). A escola na promoção da saúde de crianças com fissura labiopalatal. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 22 (4), 1041-1048. Recuperado em 2 de julho de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000400021&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0104-07072013000400021.

Silva, V.H. (2011). Cidadania e inserção laboral assistida: a experiência do trabalho formal de adolescentes pobres. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 16(2), 187-195. Recuperado em 29 de outubro de 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2011000200010&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1413-294X2011000200010.

Siqueira, A.C.; Alves, C.F; Leão, F.E. (2012). A violação dos direitos da criança e do adolescente na perspectiva de professores. *Psicologia: teoria e prática*, 14 (3), 62-71.

Simões, C.H.D.(2012). *Sofredores, Impostores e Vítimas da Sociedade: Imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Simões, C. H. D. ; Tachibana, M. ; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). O imaginário coletivo de técnicos de enfermagem sobre o paciente psiquiátrico. In: XI Jornada Apoiar. *Adolescência: identidade e sofrimento social na clínica social*, São Paulo. Anais da 10º Jornada APOIAR, 2013.

Simon, R. (1993). Pesquisas Combinando Técnicas Projetivas e Psicanálise. In Lino da Silva, M.E. (org.) *Investigações em Psicanálise*. Campinas, Papyrus.

- Souza, E.M. (2003) Integração entre gerações na promoção da saúde: estudo qualitativo no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 37 (4) 463-469. São Paulo.
- Souza, N. M. G., Honorato, S. M. A., Xavier, A. T. F., Pereira, F. G. F. e Ataíde, M. B. C. (2012). Visão do mundo, cuidado cultural e conceito ambiental: o cuidado do idoso com diabetes Mellitus. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33 (1), 139-146. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100019&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1983-14472012000100019.
- Tait, R.C., Chibnall, J.T. (2014). Racial/ethnic disparities in the assessment and treatment of pain: psychosocial perspectives. *American Psychologist*. 69 (2): 131-41.
- Tachibana, M. ; Aiello-Vaisberg, T. M. J.(2008) . Estilo clínico Ser e Fazer: relato de uma intervenção institucional com mulheres que perderam a guarda dos filhos. *IX Simpósio CEFAS e II Jornada FLAPAG*, 2008, Campinas, São Paulo.
- Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gravidez interrompida*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Tachibana, M. ; Beaune, D. ; Aiello-Vaisberg, T.M.J.(2013). *Mãe feliz, profissional infeliz: o imaginário coletivo de estudantes sages femmes sobre a sua profissão*. In: II Congresso Iberoamericano/III Luso-Brasileiro de Psicologia de la Salud, Faro. Actas de II Congresso Iberoamericano/ III Luso-Brasileiro de Psicologia de la Salud. Faro: CIEO - University of Algarve, p. article 180.
- Tachibana, M.; Montezi, A. V.; Barcelos, T. B.; Sirota, A. e Aiello-Vaisberg, T. M .J. (2015). Who are the teenagers of today? Collective imaginary of brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, 5 (1), 47-49
- Talmelli, L. F. S., Vale, F. A. C., Gratão, A. C. M., Kusumota, L., & Rodrigues, R. A. P. (2013). Doença de Alzheimer: declínio funcional e estágio da demência. *Acta Paulista de Enfermagem*, 26(3), 219-225. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002013000300003&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0103-21002013000300003.
- Tanqueiro, M. T. O. S. (2013). A gestão do autocuidado nos idosos com diabetes: revisão sistemática da literatura. *Revista de Enfermagem Referência, ser III* (9), 151-160. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832013000100016&lng=pt&tlng=pt.10.12707/RIII1202.
- Tardivo, L. S. L. P. C.(2005). *O encontro com o jovem em São Gabriel da Cachoeira - em busca de uma clínica diferenciada*. Simpósio Internacional do Adolescente. Recuperado em 8 de outubro de 2013, de

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100031&lng=en&nrm=abn.

- Tardivo, L. S. L. P. C.(2007) Sofrimento, desenraizamento e exclusão: relato de uma experiência com indígenas aculturados do Amazonas. *Psicólogo in formação*, 11 (11), 113-126.
- Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. Belo Horizonte, MG: Interlivros.
- Trinca, W. (2013). *Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivativas, desenvolvimentos e expansões*. São Paulo,SP: Vetor.
- Teixeira, F. S., Marretto, C. A. R., Mendes, A.B. e Santos, E. N. (2012). Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*,32(1), 16-33. Recuperado em 25 de agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000100003&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1414-98932012000100003.
- Unicef. (2011) *O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades* / Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF.
- Unicef. (2012) *Homicídios na adolescência no Brasil.*/ Fundo das Nações Unidas para a Infância. Rio de Janeiro, RJ
- Uziel, A.P. e Berzins, F. A. J. (2012) Adolescências, autonomia e direitos sexuais: fragmentos de histórias de meninas abrigadas. *Psicologia Clínica*, 24 (1) 105-115.
- Vallandro, L. (1993). *Dicionário SpeakUp: inglês-português português-inglês*.São Paulo, SP: Editora GLOBO S.A.
- Vaswani, V. e Vaswani, R. (2014). Perceptions of people living with HIV/AIDS regarding access to health care. *Medical Law*, 33 (1), 64-73.
- Veras, R. P. (2012). Gerenciamento de doença crônica: equívoco para o grupo etário dos idosos. *Revista de Saúde Pública*, 46 (6), São Paulo, SP. Recuperado em 10 out. 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102012000600001&lng=pt&nrm=iso.
- Watarai, F. e Romanelli, G. (2010). Adolescentes do sexo masculino: trabalho remunerado e construção da identidade. *Psicologia em Estudo*, 15(3), 547-556. Recuperado em 29 de outubro de 2014 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000300012&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1413-73722010000300012.

- Weinberg, C. (2012). Non ducor duco: on the urgent need to control as seen eating disorders. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(3), 732-737.
- Winnicott, D.W. (1963/1984). Os objetivos do tratamento psicanalítico (trad.). In D.W. Winnicott (Ed.) *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1965). O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família In: D.W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas*. (J. O. de Aguiar Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.102-115.
- Winnicott, D. W. (1968). *Os bebês e suas mães*. (J.L.Camargo, Trad.). São Paulo, Martins Fontes.
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1986/1996). *Tudo começa em casa* (P. Sandler, Trad.). São Paulo: MartinsFontes.
- Winnicott, D. W. (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. (2ª edição) (Cipolla, M.B., Trad.). São Paulo, Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2005). *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zullian, S.P.S e Tachibana, M. (2013). O eleitor desiludido. O imaginário coletivo de eleitores brasileiros sobre os candidatos políticos. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 1 (2).

ANEXO 1

Parecer da Plataforma Brasil



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O IMAGINÁRIO COLETIVO DE IDOSOS SOBRE ADOLESCENTES

Pesquisador: Natália Del Ponte de Assis

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 17368213.5.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 415.956

Data da Relatoria: 04/10/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa de pós-graduação (mestrado) em psicologia baseado na hipótese de que, como a sociedade tende a discriminar a adolescência contemporânea, grupos etariamente distanciados da adolescência podem se revelar mais preconceituosos por conviverem menos com os mais jovens. Desta forma, se propõe investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de idosos sobre os adolescentes dos dias de hoje, por meio de entrevistas individuais, que se organizarão ao redor da utilização do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. A entrevista será registrada sob forma de narrativa transferencial, a ser elaborada posteriormente, de memória, pela pesquisadora. Esta entrevista, bem como os desenhos-estórias nela produzidos, serão psicanaliticamente interpretados, tendo em vista a produção compreensiva de campos de sentido afetivo-emocional. A proponente espera que o estudo venha produzir conhecimento sobre o imaginário coletivo de idosos sobre o adolescente contemporâneo, para uma discussão sobre relações inter-geracionais, que tanto podem contribuir positivamente para a formação dos mais jovens como, a princípio, favorecer o combate a preconceitos etários. Desta forma, justifica a condução do projeto com o intenção de "aproximar gerações".

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136

Bairro: Parque das Universidades

CEP: 13.086-900

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

Fax: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 415.956

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de idosos sobre os adolescentes dos dias de hoje.

Objetivo Secundário: Desconstruir preconceitos por meio de reflexão clínico-teórica acerca das diversas formas de encarar a passagem da infância para a vida adulta.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios estão adequadamente descritos. A abordagem do sujeito de pesquisa através de diálogo em atmosfera lúdica é praticamente isenta de riscos. Entretanto, mesmo sendo absolutamente baixa a probabilidade de emergência de sentimentos de ansiedade e depressão, uma vez que serão abordados idosos que levam vidas normais e que são, provavelmente, psicologicamente saudáveis, serão tomados cuidados no sentido de garantir o seu bem-estar. Como benefícios, considerando-se que a proposta envolve a realização de entrevistas em um ambiente lúdico e descontraído, segundo a proponente, poderá "trazer efeitos benéficos imediatos ao participante".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto aborda tema relevante considerando-se que os adolescentes contemporâneos parecem bastante distanciados do idoso, o que, na verdade faz com que ambos percam oportunidades para dialogar e trocar experiências. A metodologia é adequada aos objetivos propostos. Conforme esclarecido sobre em "riscos e benefícios" o grau de vulnerabilidade dos sujeitos da pesquisa é mínimo e haverá apoio psicológico caso necessitem. O projeto foi classificado como pendente em duas instâncias anteriores. Na primeira instância foram corrigidas as inadequações mas ainda havia dúvida quanto ao número de sujeitos da pesquisa. Na versão aqui apresentada, a metodologia descreve que serão 6 sujeitos entrevistados e serão realizadas 6 entrevistas, esclarecendo portanto a dúvida levantada anteriormente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados e estão corretos.

Recomendações:

No arquivo "informações básicas do projeto":

Em critérios de inclusão substituir "Serão realizadas dez entrevistas individuais de seis pessoas idosas ..." por "Serão realizadas entrevistas individuais com 6 pessoas idosas"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

não há.

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136

Bairro: Parque das Universidades

CEP: 13.086-900

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

Fax: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



Continuação do Parecer: 415.956

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução no. 466/12, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução 466/12, é atribuição do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa. Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

CAMPINAS, 04 de Outubro de 2013

Assinador por:
David Bianchini
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Dom Pedro I, Km 136

Bairro: Parque das Universidades

CEP: 13.086-900

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

Fax: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br

ANEXO 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “O Imaginário Coletivo de Idosos sobre adolescentes”, sob a responsabilidade da pesquisadora Natália Del Ponte de Assis, a qual pretende Investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de idosos sobre os adolescentes dos dias de hoje.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista individual, em sua própria residência, na cidade de Andradas, Minas Gerais.

Os riscos decorrentes de sua participação são a emergência de sentimentos a partir de lembranças ou situações de conflito, os quais poderão ser minimizados pelo acolhimento da pesquisadora que é psicóloga. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a desconstrução do preconceito por meio de reflexão clínico-teórica acerca das diversas formas de encarar a passagem da infância para a vida adulta. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (19) 8226-09-53 e com sua orientadora pelo email tania.vaisberg@puc-campinas.edu.br.

O projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Este Comitê poderá ser consultado para o esclarecimento de questões éticas no telefone (19) 3343-6777,

e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, ou no endereço Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, Campinas-SP, CEP: 13086-900; no horário de funcionamento: de segunda a sexta-feira das 08h00 as 17h00"

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____,
fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/___

Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável